

Revolução

**É COM ESTAS MASSAS
TRABALHADORAS
QUE SE ESTÃO A CONSTRUIR
OS GDUPS**



PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

dos leitores

"Muitos cumprem Eanes promete"

Camaradas:
Mais uma vez vos saúdo com muita amizade

Concluídas as eleições presidenciais, o resultado foi aquele que todos nós mais ou menos esperávamos e para a obtenção do qual existiam as mesmas eleições. Por outras palavras, foram votar naquele que persistirá na mesma exploração, como quem assina a autorização da própria sentença de morte.

A campanha eleitoral de Ramalho Eanes começou no dia 25 de Novembro, por uma monstruosa e premeditada mentira. Isso veio dar no

vo ânimo aos caciques locais, aos padres, aos médicos das aldeias, aos senhores das terras. O trabalho de sapa foi feito, os erros do movimento de massas aproveitados, a mentira habilmente ministrada. Por último um belo leque de tendências (ELP, CDS, PPD, PS, MRPP, PCP(ML), AOC) fomentando o seu apoio completou o milagre.

Agora, camaradas, é tarefa dos revolucionários prepararem-se «muito activamente» para o aproveitamento revolucionário do período que se vai seguir. Sabemos que a crise económica capitalista se vai

agrar, e que a repressão vai ser crua para tentar que sejam as massas trabalhadoras a pagar a crise. Ai, o «candidato de Portugal» vai sofrer reveses e dissabores. Os portugueses que trabalham vão tirar a prova, agora de uma vez por todas, de quem é que está ao seu lado. E, nesse ponto, compete à esquerda revolucionária estar preparada e organizada para coordenar o movimento de massas («coordenar», não dirigir), coordenação essa que poderá muito bem ir até à «insurreição armada».

Os GDUP's é coisa que deve seguir. E é preciso não esque-

cer que eles surgiram pelo motivo da candidatura de Otelo, portanto agora há o perigo de desmobilização. Ora é preciso evitar isso. Evitar que cada um volte outra vez para o seu partido atacando os outros partidos, numa concorrência e num sectarismo que já provaram serem desastrosos.

Aliás, as eleições foram apenas um facto, no meu ver de menos importância do que geralmente se lhes atribui: se ganhasse Otelo, era o bloqueio económico e mais, era provavelmente o golpe militar — logo o confronto. Foi Eanes quem ganhou. Vai radicalizar profundamente a luta de classes, vai esgotar os

meios pacíficos e legalistas, vai empregar o pouco original método do cacete e dos blindados — portanto, também aqui, o confronto é inevitável. Não há conciliação possível. E o resto, camaradas, já vocês sabem — podemos triunfar, dependendo dos instrumentos que tivermos. Não é aventureirismo, é a necessidade de lutar pela vida e pela libertação.

E, por último, uma piada, que é a minha inter- pretação de uma outra piada que ouvi por aí: Muitos cumprem «Eanes promete». Até sempre camaradas e amigos

Porta-Voz do PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



Revolução

A luta continua pela Revolução Socialista

I — ELEIÇÕES

Tenhamos sempre uma coisa em conta — o não eleitoralismo da campanha de Otelo, e isso já será uma vitória para nós, revolucionários. Apesar da direita ter ganho as eleições por uma larga margem de superioridade (eleitoral) não vamos considerar isso uma derrota. Pelo contrário, foi uma grande vitória. Conseguimos avançar largos passos na unidade e organização das massas trabalhadoras, derrotando o reformismo divisionista. As eleições serviram para medirmos forças, e mais precisamente, aproveitarmos o sentimento eleitoralista, a ilusão eleitoralista, digamos, de algumas camadas de trabalhadores, que teremos agora de trazer para o campo revolucionário, para o campo das verdades, através da intensificação do trabalho de organização. E teve imensa importância para a nossa luta o aparecimento de um candidato revolucionário, de um candidato popular, pela sua prática de aliança do povo com as Forças Armadas, de fusão do Povo com o exército, da democratização da

função dos soldados junto dos explorados do país. Consideramos revolucionária toda esta campanha, porque assentou não no objectivo da vitória eleitoral, mas na União e Organização das massas anti-fascistas, anti-capitalistas e anti-imperialistas em luta no nosso país.

II — A LUTA NÃO ACABOU

A luta prossegue e está na ordem do dia. Mais do que nunca, temos de trabalhar para o cumprimento da palavra de ordem: **Unir, Organizar, Armar**. Sem o cumprimento desta palavra de ordem a Revolução é impossível. Teremos de aproveitar todas as lutas dos trabalhadores, para a mobilização das massas organizadas e para a organização das massas inconscientes de que a organização é essencial na luta. É necessária a mobilização para a luta contra a repressão que Eanes já nos prometeu. As lutas dos operários nas fábricas, as lutas dos desempregados por aquilo a que têm direito, o trabalho. O descontentamento dos camponeses contra

o aumento do custo de vida. As lutas dos moradores pobres contra as desocupações de casas. A luta dos soldados contra a disciplina burguesa nos quartéis. Tudo isto são aberturas políticas que os revolucionários não podem perder, para transformar estas lutas em situações revolucionárias, para a educação das massas ainda não consciencializadas do papel da luta de classes na sociedade. Também as lutas dos estudantes são importantes na Revolução. Sendo bem conduzidas elas podem levar também à mobilização dos trabalhadores. Temos o exemplo do caso Fausto Cruz em Coimbra. Tudo isto são oportunidades a não perder. A luta deve prosseguir a um ritmo cada vez mais acelerado. Não nos podemos mover com o resultado das eleições e transformarmos-nos num movimento reformista. Devemos continuar a criar GDUP's. A luta continua e devemos acentuá-la sempre, pelo nosso objectivo principal, a Revolução Socialista.

Saudações Revolucionárias
J.M.

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 7, Lisboa
Tel. 573520/573640/573711/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 7, Lisboa
Tel. 573520/573640/573711/573670
DELEGAÇÃO DO NORTE
Rua Álvares Cabral, 110, PORTO

LIVRARIAS REVOLUÇÃO

CABO RUIVO

Rua do Vale Formoso de Lima, 127-A. Horário — das 12 às 14 horas e das 16.30 às 24 horas.

ODIVELAS

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 às 20 horas.

ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110
Tel. 315759/315786

MATOSINHOS — Rua Conde de S. Salvador, 374
Telefone: 931925

COIMBRA — Rua Eça de Queirós, nº 33

MARINHA GRANDE — Rua Marques de Pombal, nº 65

ARGEA — Tel. 92169

VIANA DO CASTELO — Rua de Altamira, 102 Tel. 24320

BARCELOS — Av. Liberdade 60 r/c

ORG. REGIONAL DO CENTRO

COVILHÃ — Rua Visconde de Coriscada, n.º 60 — Tel. 25542

CASTELO BRANCO — Rua de Santa Maria, 10

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua Jaime Afreixo, n.º 142
Telefone: 24149

ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, n.º 40

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedrosa, n.º 15 — Alges de Cima
Tel. 2100337

PAREDE — Rua Gomes Fretre de Andrade, 1 Tel. 2474142

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, n.º 16-17 Tel. 2512807

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, n.º 40 Tel. 939525

CACÉM — Rua de Paço de Arcos, Lote 16

ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETÚBAL — Rua Jorge de Sousa

SETÚBAL — Praça do Boccage, 3

BARREIRO — Rua dr. Eusebio Leão, n.º 31 Tel. 2076745

LAVRADIO — Rua dr. José Carcano Lobo, n.º 12

TORRÃO — Horta Seca

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional, n.º 10 Tel. 2763267/2763397/2763122

QUINTA DA LOMBA — Rua de Goa, 21-A

SINES — Rua Marques de Pombal, n.º 86 — Tel. 62880

ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, n.º 21 Tel. 24998

ALJUSTREL — R. da Liberdade, n.º 13, Aljustrel

BEJA — Rua Alexandre Herculano, n.º 29 Tel. 24594

ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — R. Restor Teixeira Guedes, 35 - Tel. 24 107

LOULÉ — Av. José da Costa Mesquita, n.º 39-1.º Tel. 63043

PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17

MONCHIQUE — Estrada da Foia, 8, Monchique

OLHÃO — Rua 18 de Junho, n.º 64-B-C

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

ESTREMOZ — R. D. Pedro Galvão, 5

UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 77001

Revolução

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME
MORADA
LOCALIDADE
PROFISSÃO

Semestral 90\$00 Anual 180\$00 PAGAMENTO

Estrangeiro Semestral 300\$00 Anual 600\$00

Em cheque
Em vale

O MOVIMENTO DE MASSAS A SEGUIR ÀS ELEIÇÕES

Os resultados eleitorais de Otelo são considerados surpreendentemente grandes pela burguesia e pelo reformismo. E são realmente grandes em termos de eleições burguesas.

Mas, para muitos milhares de trabalhadores que votaram em Otelo os resultados eleitorais não correspondem à movimentação de massas a que assistiram e facilmente poder-se-ão sentir burlados. Por isso mesmo, há que reduzir as eleições ao seu verdadeiro significado e há que avaliar a grandeza do movimento de massas e o seu significado em termos de futuro.

SE

Se a candidatura de Otelo fosse apoiada por um forte aparelho partidário, daqueles que, graças a um grande suporte financeiro, têm funcionários, sedes, dinheiro, decerto que os resultados seriam diferentes.

Se a candidatura de Otelo tivesse disponibilidade financeira, em vez das terríveis dificuldades que teve, tudo teria sido diferente em matéria de propaganda, deslocamentos, etc. etc.

A «imaginação» da sua campanha (de que a burguesia fala) não pode substituir todas as faltas. É preciso fazer folhetos, papéis, cartazes, que cheguem a mais eleitores, que atinjam milhares de pessoas por um motivo ou outro menos tocadas pelo problema.

Ora isso custa muito dinheiro. Podemos dizer que um só cartaz, feito em número de um milhão de exemplares custa mil contos. E há candidaturas que fizeram mais do que um milhão só de cada cartaz.

A propaganda de várias candidaturas pode ser avaliada em muitos e muitos milhares de contos.

Ora a candidatura de Otelo não beneficiou nem de fortunas pessoais nem de dinheiros estrangeiros que estivessem empenhados nesse candidato. Toda a propaganda feita (e para tal candidato as tipografias exigem dinheiro adiantado...) foi paga com o dinheiro resultante das colectas feitas ao longo da campanha.

Se se tivesse desenrolado a mesa redonda na televisão, que a doença de Pinheiro de Azevedo impediu, talvez Otelo tivesse revelado muita coisa... Decerto que Eanes não sairia direito desse confronto, durante o qual seria posto a nu o seu comportamento anterior e posterior ao 25 de Abril.

Se tivesse havido fiscais em todas as mesas de voto do Centro e do Norte talvez os resultados fossem diferentes. A verdade é que sabemos que é onde não havia fiscais que os resultados são mais baixos. E sabemos também que só o número de pessoas presentes na manifestação do Porto e no comício de Matosinhos é superior aos votos que aparecem em todo o distrito do Porto.

APESAR DE TUDO

Apesar desses condicionalismos, que limitaram muito os resultados em termos eleitorais, o resultado que nos

surge é espectacular perante o que era esperado em termos de eleições burguesas (dirigidas por um poder que tem um candidato oficial ou oficioso, etc). Daí o espanto de Mário Soares e Sá Carneiro, daí Vasco Lourenço «não conseguir explicar», daí este resultado ultrapassar em muito as previsões já consideradas necessárias para o País ser «ingovernável» (O-telo ter mais que 10 por cento). E dentro do quadro das eleições presidenciais em democracia burguesa não nos lembramos doutras equivalentes senão aquelas em que em França, o candidato pelo PC francês, Duclos, obteve 20 por cento. E ardia então a fogueira que deu o Maio de 68.

São portanto resultados surpreendentes e tanto mais se considerarmos que Otelo era considerado o candidato da esquerda revolucionária.

NÃO É POR ELEIÇÕES QUE OS TRABALHADORES TOMAM O PODER

A situação actual vem-nos confirmar mais uma vez que o poder não se toma por eleições, nem mesmo que haja um forte movimento de massas.

Nem em parte nenhuma do mundo, nem em momento nenhum da história a classe dominada derrubou a dominante nem chegou ao poder através de eleições.

A forte movimentação de massas e o processo de Otelo (que já depois de se conhecer o andamento dos resultados encontrou mais uma vez forma, na maneira apoteótica como Otelo foi recebido na conferência de Imprensa da Gulbenkian), podem ter criado ilusões eleitoralistas em muita gente, que pode ter esperado uma solução para os problemas dos trabalhadores, através do seu voto.

Mais uma vez a realidade veio mostrar que os trabalhadores não podem ganhar numa máquina eleitoral construída pelo poder burguês para o seu próprio sucesso.

Acabamos de ver como na Itália, apesar das infinitas cedências do PC italiano — promessa de manter o sistema capitalista, compromisso e aceitação da Nato, etc. — que o transformaram num partido social-democrata, apesar do imenso aparelho, mesmo assim não consegue ultrapassar os votos da Democracia-Cristã congregação de todas as forças de direita daquele país.

A movimentação de massas que existem à volta da candidatura de Otelo não pode parar com as eleições. Essa movimentação foi a expressão de uma tendência revolucionária de massas, que em volume foi extremamente importante. De Norte a Sul do País, massas trabalhadoras dispuseram-se a apoiar activamente uma campanha não apenas antifascista, mas, mas também anticapitalista.

Essas massas, que em parte setraduziam nos cerca de 800 000 votos expressos a favor de Otelo, ultrapassam em muito as organizações da esquerda revolucionária e têm de ser organizadas à volta dos GRUPS, os Grupos Dinamizadores de Unidade Popular.

Não há movimentação que seja eficaz se não lhe corresponder uma organização, que a enquadre, lhe dê sentido, coordenando as acções e dando-lhes uma direcção comum.

A organização que corresponde à movimentação de massas à volta de Otelo, são os GDUPS, nos quais podem estar militantes com partido, homens e mulheres que podem ser da esquerda revolucionária, mas que também podem ser das bases do PS ou do PC, ou simplesmente não terem partido.

Cada pessoa que estiver de acordo com as bases programáticas da candidatura de Otelo e que aceite a organização dos GDUPS pode formar no seu bairro, ou na sua fábrica, ou no seu serviço um GDUP.

CONTRA O SECTARISMO, ALARGAMENTO E COORDENAÇÃO DOS GDUPS

Os GDUPS não podem ser sectários. Não se pode constituir GDUPS à volta de um grupo de amigos ou

de militantes de um partido, que se fechem a outras presenças, que criem espírito de seita, que impeçam o alargamento do movimento. Os GDUPS têm de ser abertos e unitários. Os GDUPS não são pertença deste ou daquele partido, são de toda a gente.

Os GDUPS têm que coordenar-se entre si a nível local, a nível regional e a nível nacional.

Por outro lado deverão coordenar-se com as organizações populares de base, cujas assembleias aceitem o programa do GDUPS. Esta coordenação deverá ser feita a nível local e a nível distrital.

É deste movimento que têm medo os senhores: Mário Soares, Sá Carneiro (esse, ameaçador, diz que «pode ser perigoso mesmo para o major Otelo...») e Pato (que na Gulbenkian diz que Otelo quer fazer é um partido, um partido que se chama dos GDUPS).

Na verdade têm razão para ter medo, porque essa organização é a única que pode oferecer mansamente, por via da vitória eleitoral.

É bom portanto que os revolucionários, os trabalhadores em geral que escolheram a via da Revolução e que querem acabar com o reino dos ricos sobre os pobres, os que querem fugir ao Imperialismo, compreendam a importância que realmente têm os GDUPS, porque sem organização não há revolução.

Só com a unidade e a organização dos trabalhadores será possível vencer o fascismo e implantar o socialismo. UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS. E os GDUPS são a possibilidade de o fazer.

O Congresso dos GDUPS é extremamente importante para congregar esforços, discutir e desenvolver o programa, traçar uma base de actuação bem definida, encontrar formas de organização adequadas. É preciso prepará-lo desde já!

O PC E EANES

A tática do PCP perante Ramalho Eanes começa a desenharse com apreciável clareza: não se trata apenas de não hostilizar o novo P. R., mas também através dos órgãos oficiosos do P. C. dar preferência às (muito poucas) declarações de Ramalho Eanes que não são de todo em todo reaccionárias.

Deste modo, o P.C. pretende apresentar aos seus militantes uma imagem mais «arejada» de Eanes e, o que ainda é mais grave e ilusório, trazer o dirigente das operações militares do 25 de Novembro «para a esquerda», afastando-o da direita!...

Indentemente do P.C. privilegiar demagogicamente afirmações de Eanes que são apresentadas fora do contexto mais geral em que foram proferidas (e não nos esqueçamos que Eanes não se tem poupado a criticar o P.C.), importa ter em atenção o que é a política de uma organização que, após ter sofrido uma clamorosa derrota nas últimas eleições, vem agora bajular e lambear as botas àquele que foi, efectivamente, o candidato da direita.

Aonde chega um partido cuja direcção abandonou completamente os princípios marxistas pelos quais diz lutar!

Pelo andar da carruagem devemos ter em Outubro, no próximo Congresso do P.C.P., a esperada viragem para o chamado «eurocomunismo», isto é, transformação do P.C.P. num partido estilo P.C.I.

e a actualidade nacional

Que futuro para Costa Gomes?

Embora abandone a Presidência da república e tenha atingido a idade (62 anos) que o obriga a passar à reserva, **Costa Gomes afirma não considerar encerrada a sua carreira político-militar.**

E, pois, caso para perguntarmos que futuros cargos virá a desempenhar o ainda actual Presidente da República.

Conhecida que é a extraordinária capacidade demonstrada por Costa Gomes, desde pelo menos 1961 (altura em que era sub-secretário do Exército, no Governo de Salazar), em se adaptar às novas situações políticas ocupando nelas posições de relevo, a verdade é que não vemos, pelo menos a curto prazo (isto é, nos meses imediatos), viabilidade para uma situação desta natureza.

Deste modo, e uma vez mais (tal como aconteceu entre 14 de Março e 25 de Abril, após a sua demissão de CEMGFA por Marcelo Caetano), Costa Gomes fica à espera que a situação evolua, que as coisas se compliquem.

Costa Gomes, por outro lado, ultrapassando um pouco o cautelismo que o caracteriza, não se escusa a dizer desde já o que todos sabemos: que não é viável um Governo só com o PS.

Não é que a alternativa por ele proposta fosse viável (Governo tripartido PS-PC-PPD, ou mesmo com o

CDS). O que interessa para o caso é que, quando a crise governamental, económica e política estiver no auge, Costa Gomes dirá, como disse em relação à guerra colonial, que já antes tinha previsto a crise.

Será, pois, no agudizar da crise que Costa Gomes joga.

Reconhecendo ter já sido sondado para cargos militares e civis, Costa Gomes afirmou no domingo à TV:

«Estou disponível para cumprir os meus deveres para com esta Nação e este Povo».

E acrescentou: **«Apesar de haver assuntos que não devem sair das Secretarias porque são confidenciais, reservados ou secretos, pois sempre vai saindo o que é mau, francamente mau, porque de vez em quando, compromete-se uma linha de rumo que é difícil depois de manter».**

Além disto, passando à reserva, Costa Gomes deixa de actuar militarmente a nível oficial. Quanto à questão de passagem à reserva Costa Gomes afirmou na referida entrevista à TV:

«**Não sei, não me posso pronunciar nesse aspecto porque sou a pessoa interessada.**

É claro que eu tenho que, como sempre usei na minha vida, ter a mais completa isenção em coisas que me digam directamente respeito».

Apesar de, há já uns meses a esta

parte, o PC tentar dar a Costa Gomes uma imagem de esquerda (o que facilitará a sua repescagem a médio prazo), importa não esquecer que, ao longo destes 26 meses, Costa Gomes demonstrou claramente ser um político burguês, em quem a classe operária e demais explorados não podiam confiar.

Costa Gomes é, porventura, uma personalidade cuja actuação será objecto de diversas análises históricas. No entanto, uma certeza existe por ele assumidas: não interessa aos oprimidos as pessoas cuja única experiência é negociar nos gabinetes, actuar na «sombra», ser o «n.º 2» e, ao fim e ao cabo a «pessoa chave»... para a resolução dos problemas da burguesia.

Ao abandonar a PR, Costa Gomes parece interessado em deixar uma imagem simpática junto dos trabalhadores.

Eis as suas declarações à TV: «Não podemos de forma alguma pensar que a sociedade que hoje temos, apesar de todas as restrições e de todas as deficiências que se notam sobretudo no campo da produção e do trabalho, tem qualquer semelhança com aquela que havia antes do 25 de Abril.

Penso que as classes trabalhadoras, sobretudo, fizeram umas conquistas que dificilmente poderão voltar



Promoção a Marechal?

atrás e que representam um seguro andar no caminho para a democracia pluralista e para o socialismo que todos ambicionamos».

E, a terminar a entrevista, é o próprio Costa Gomes que alerta para a possibilidade de intervir nos próximos 5 anos:

«A nossa revolução foi tão importante, e é tão importante — porque eu não a considero terminada, nem mesmo com a eleição do Presidente da República. Acho que, no mínimo ela irá até à eleição da nova Câmara Legislativa — que eu considero estes 5 anos ainda anos revolucionários».

Ficará Costa Gomes nestes «5 anos revolucionários» a ler livros no seu apartamento de Cascais?

RAMALHO EANES: "Não serão tolerados..."

«Não serão tolerados quaisquer poderes paralelos que contrariem a Constituição, nem será permitida qualquer actividade de carácter insurreccional venha ela de onde vier. Aqueles que sonham com o regresso ao 24 de Abril de 1974 ou 24 de Novembro de 1975 estão à partida condenados.»

Assim começa Ramalho Eanes a sua 1.ª conferência de Imprensa depois de conhecidos os resultados eleitorais. As frases estão bem estudadas: ao mesmo tempo que se mostra contra o 24 de Abril de 1974, ameaça claramente os que pensam no 24 de Novembro de 1975; os soldados agora mais do que nunca continuarão debaixo do R.D.M. fascista, os trabalhadores, esses, que nem pensem em fazer ouvir muito alto a sua vontade, «pois isso está à partida condenado pelas leis feitas pelos representantes legítimos do povo e pela opinião pública, expressa claramente nas eleições livres». Levantamentos de rancho, greves, serão considerados «actividades de carácter insurreccional» e isso não será «tolerado»; Comissões de Moradores, de Trabalhadores, Conselhos de Aldeia, etc. não serão igualmente «tolerados» pois são os tais «poderes paralelos». O aviso está clarinho para quem o queira ouvir.

ESTABILIZAR

Ramalho Eanes, reconhece que a sua tarefa prioritária é a «estabilização política». O mesmo homem que

durante a campanha eleitoral punha como lema a estabilização económica do estado «dramático» da economia portuguesa, agora já fala na «estabilização política imediata, até porque esta tarefa uma vez realizada, permitirá que outras mais de carácter técnico nomeadamente a recuperação económica se possam rapidamente levar a bom termo».

Quer ele com isto dizer, que precisa de estabilizar a fúria popular que rapidamente se levantará contra a sua pessoa e as suas intenções, obrigando a maior produção, estabilização de salários, etc., de maneira a recuperar a situação «dramática» da economia, e portanto, fará os trabalhadores pagarem uma crise que não foi nem é por eles criada. No seguimento deste raciocínio, e vindo do mesmo ângulo os grupos separatistas reaccionários das ilhas e a esquerda revolucionária no continente, Ramalho Eanes acha que se vive, tal como em certas zonas das ilhas um clima pouco democrático em zonas do País, e dá como exemplo... O ALENTEJO, «em que determinados grupos têm conseguido intimidar a população, inibir as forças da ordem (ordem dele, claro), e ter um comportamento social perfeitamente antidemocrático». Com estas palavras que deveriam ser dirigidas para o Norte quanto ao E.L.P. e outras organizações terroristas, Ramalho Eanes dirige-se à esquerda revolucionária, dirige-se às forças que apoiam Otelo, dirige-se aos próprios trabalhadores

organizados nas suas estruturas locais de classe. Tais afirmações lembram-nos os «bons» velhos tempos... Para eles («grupos») promete o cumprimento integral «das leis» (?). Sendo assim, conclui que estes «grupos» sejam separatistas, sejam confusionistas (termo que Octávio Pato também utilizou quanto aos apoiantes de Otelo) acabarão necessariamente por ser neutralizadas».

Efectivamente, a burguesia treme perante o renascer da luta organizada das massas populares, treme perante a força que os trabalhadores mostraram ter, pondo Otelo em segundo lugar nas eleições, mesmo com a tentativa divisionista do P.C.P. de queimar votos. Eles sabem que há neste momento centenas de milhares de trabalhadores, e aí contam-se também aqueles que por diversos motivos não foram capazes de romper com o controlo reformista, e existem portanto centenas de milhares de trabalhadores dispostos a avançar contra o FASCISMO e como única alternativa possível a tomarem o Poder pela força; perante isso, a burguesia reaccionária tenta pôr o seu candidato já a cortar o mal pela raiz, ameaçando, fazendo demagogia, baralhando tudo. Esquecem-se eles de que os lutadores antifascistas do tempo de Salazar e de Marcelo, continuam cá, e em dois anos multiplicaram-se abundantemente. Esquecem-se que a capacidade de compreensão política e de luta das classes trabalhadoras multiplicou-se



Contra os grupos «confusionistas», apoiado pela direita

igualmente com uma experiência de dois anos de organização.

Ramalho Eanes defende a conciliação entre capitalistas e trabalhadores. Diz ele que os interesses dessas duas classes «serão divergentes apenas teoricamente e em princípio, mas que poderão ser convergentes, sobretudo se as leis fizerem com que assim aconteça». Portanto, para ele tudo parece fácil: nega a luta de classes, recusa a palavra exploração enfim, acha que o trabalhador que produz, e o capitalista que engorda à sua custa sem nada fazer, têm as mesmas ambições, os mesmos interesses.

A Ramalho Eanes e às suas intenções, os trabalhadores só poderão ter uma resposta a dar: Não tolerar as prepotências do general, desmascarando as suas já poucas falas democráticas, e lutando pelo reforço da organização e unidade populares, contra o FASCISMO. Pela REVOLUÇÃO SOCIALISTA.

OTELO EM CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

"O movimento de massas está vivo"

O balanço e a apreciação que Otelo Saraiva fez, no passado domingo no Gulbenkian, sobre a movimentação de massas gerada em torno da sua candidatura e do seu programa político justificam largamente o espaço que este número do «Revolução» concede à referida conferência de imprensa.

Com efeito, entendemos fundamental que todos os camaradas, militantes ou não do PRP, leiam atentamente as variadíssimas respostas que Otelo deu aos jornalistas nacionais e estrangeiros que enchiam a sala.

De facto, a leitura das declarações feitas na Conferência de Imprensa é tanto mais importante quanto quer a TV (que devido ao seu «pluralismo» só transmitiu a mensagem aos G.D.U.P.) quer os jornais diários (mesmo aqueles que se dizem revolucionários) só divulgaram parcialmente e nalguns casos, com declarações «gralhas».

Quem não está interessado em que os explorados oiçam Otelo?

Página Um: Queria levantar duas questões. Tendo em conta que a candidatura do sr. major, não dispõe de apoio de uma máquina partidária como acontece com outros candidatos, os resultados até agora obtidos, excedem certos prognósticos. Como faz o balanço da sua campanha atendendo a este aspecto. A segunda questão é seguinte: a não realização da mesa-redonda na passada quarta-feira, trouxe vantagens ou desvantagens, para a sua campanha?

O. S. C. — É evidente que à partida, entre os quatro candidatos que se apresentavam às eleições presidenciais, eu era o mais desfavorecido.

Não tinha qualquer aparelho financeiro, não dispunha de qualquer força política ou militar no aparelho de Estado, não dispunha, portanto, de força política concreta nem de força militar.

Faltava-me a força dos grandes partidos políticos. Dos quatro, era eu sem dúvida o mais desfavorecido. Mas temos que contar que os mais desfavorecidos neste país, têm uma força considerável. Infelizmente há muita gente que se esquece disso. E não tenho realmente máquinas poderosas, nem políticas, nem partidárias que me pudessem apoiar, os resultados estão à vista. Posso considerar, portanto, em termos directos que o balanço da campanha e das eleições é extraordinariamente positivo, dado que vai ultrapassar largamente as expectativas dos mais optimistas e julgo ser uma bofetada muitíssimo grande em todos aqueles que muito burguesemente se limitariam (como se limitaram) a fazer uma contagem objectiva da soma percentual das votações para a Assembleia Legislativa ultimamente realizadas. Portanto em termos definitivos, o balanço é extraordinariamente positivo. Considero uma grande vitória nas eleições.

A mesa-redonda que se devia ter realizado e que deixou de ter efectividade, devido ao ataque cardio-vascular do sr. almirante Pinheiro de Azevedo, considero que foi prejudicial à minha candidatura, pois que nessa mesa muito daquilo que havia já sido desmascarado, poderia continuar a sê-lo, e deveria continuar a sê-lo e eu teria a possibilidade de perante três milhões de portugueses que vêem televisão



Continua na pág. 6

BALANÇO DA CAMPANHA E MENSAGEM AOS GDUPS

«A minha candidatura permitiu romper com vários e importantes mitos, dos quais referencio alguns, que me parecem dos mais notórios. Assim, posso afirmar em primeiro lugar e quero sem receio de desmentido, que é falso, inteiramente, o divisionismo entre o Norte e o Sul, a cidade e o campo, o Continente e as Ilhas. Em todo este País que é nosso, que é Portugal, as massas populares me acompanharam, me vitoriam, me demonstraram a sua adesão aos princípios programáticos que apresentei ao País e que aceitaram como seus. Em segundo lugar, que essas bases programáticas por mim apresentadas, são consideradas viáveis, praticáveis, pelas massas populares e trabalhadoras do País, caindo por terra a arrogância daqueles que, invocando a intuição política do Povo português, apodam de utópico e irrealizável um projecto político que as massas populares aceitam e ambicionam.

Em terceiro e último lugar, foi evidente o repúdio que o povo manifestou pela grande mentira do 25 de Novembro e por tudo aquilo que essa data representou para os trabalhadores portugueses, para os mais humildes e explorados em especial. O ódio ao 25 de Novembro é contrabalançado pelo amor e pela esperança do regresso ao exaltante período revolucionário posterior ao 25 de Abril e que se prolongou até 25 de Novembro.

E posso afirmar agora que o povo sabe que essa esperança se pode tornar realidades, que pode combater o regresso do fascismo e a recuperação do odioso capitalismo desde que se consiga, de novo, criar a unidade e a organização do povo trabalhador e a sua permanente mobilização para a luta. E foi precisamente para se conseguir esta unidade do povo trabalhador, com a superação que em muitos casos reconheço difícil, de divergências par-

tidárias, a sua organização e a mobilização para a luta, que se criaram os Grupos Dinamizadores de Unidade Popular. Estes grupos, formados por toda a gente que, com entusiasmo, apoia um projecto político que «vise a construção do socialismo de base, a partir do reforço e desenvolvimento de organizações populares de base», foram criados tendo por finalidade objectiva e imediata montar com rapidez e um mínimo de eficiência, o apoio à minha candidatura.

Mas o extraordinário movimento das massas populares despoletado com a campanha eleitoral não pode nem deve, de forma alguma estagnar, seja qual for o resultado das eleições que hoje decorrem. E serão, terão de ser, os GDUP's, a célula embrionária que, reproduzindo-se pelo País às centenas, aos milhares reforçarão cada vez mais este amplo movimento de Unidade Popular que se gerou e originarão, a partir da base, a estrutura de uma grande frente de massas populares.

Durante a campanha eleitoral, tive oportunidade de apreciar a extraordinária capacidade imaginativa e criadora dos GDUP's. Que continuem todos a tê-la, em todo o País, para bem deste povo trabalhador que tanto anseia pela libertação e pela construção de uma sociedade que seja a sua — a sociedade de trabalhadores. Os GDUP's podem ser — têm que ser — uma poderosa realidade. Que todos consigam eliminar nocivos sectarismos partidários, que todos trabalhem no sentido da construção de uma autêntica unidade e organização do povo trabalhador do País — com entusiasmo, vontade, dedicação e, sobretudo honestidade — e talvez estejamos a construir neste País, na hora presente, algo de extraordinariamente importante, cujo valor histórico só o futuro poderá dizer.

Aos GDUP's, pertencerão todos os companheiros e amigos honesta e profundamente interessados em trabalhar activamente para a construção de uma sociedade socialista baseada na determinação e na força dos explorados, dos desprotegidos, dos que aspiram a uma sociedade mais justa. Os GDUP's devem constituir-se a partir da adesão dos democratas e antifascistas, quer tenham ou não filiação partidária, que se unam nos campos, nos bairros, nas fábricas, nas empresas, nas repartições públicas, nas escolas, nos escritórios, no mar, nas minas.

A «democraticidade interna» deve ser um factor permanente a ter em atenção, elegendo os melhores, independentemente de pertencerem ou não pertencerem a qualquer partido ou grupo político. E que nenhum grupo político, através de qualquer dos seus elementos leve para o interior dos GDUP's a disciplina partidária ou a doutrina do partido, mas apenas as bases fundamentais e as linhas de actuação para a obtenção de melhores resultados num projecto político aceite por todos. Isto, sob pena de o sectarismo e as lutas partidárias que só dividem o povo trabalhador voltarem a existir e liquidarem, à nascença, a esperança e a vontade de uma verdadeira unidade popular que é enorme nas massas trabalhadoras.

Que os GDUP's não interfiram nem se substituam às organizações dos trabalhadores e moradores já existentes, pois que são diferentes os campos de actuação e o trabalho a desenvolver por cada um dos órgãos. Sendo evidente, porém, que nos GDUP's deverão e deverão integrar-se elementos das comissões de moradores, cooperativas, associações sindicais, conselhos de aldeia.

Os GDUP's exercerão, através dos seus membros, uma acção constante e permanente de dinamização e esclarecimento das massas populares no que se refere à unidade popular e à discussão sobre as bases programáticas, criando um permanente sentido de mobilização do povo trabalhador para a luta pelos seus interesses mais profundos e pelo alcance de novas e fortes conquistas.

Uma estrutura organizativa será criada com vista a dar resposta à necessidade de ligação dos GDUP's a escalões mais elevados e à «obtenção de uma correcta direcção política», orientada segundo os princípios à volta dos quais se forjou a unidade e com a perspectiva permanente de reforçar e alargar essa unidade.

Como resposta à necessidade de dar coesão e dimensão nacional aos GDUP's e na sequência da sua dinâmica organizativa e da sua coordenação a nível regional, deverá realizar-se um congresso, onde estejam democraticamente representados todos os GDUP's, o qual permitirá reforçar e solidificar toda a estrutura até então criada, da unidade popular entre o povo trabalhador.

Ao terminar a campanha eleitoral após ter percorrido o País de Norte a Sul, do Continente às Ilhas, uma grande certeza me fica: «o povo trabalhador não está derrotado, o povo trabalhador» não abdicou de tomar em mãos o seu destino e de construir neste País, uma sociedade nova. É daí que resulta a minha convicção profunda de que com unidade, organização e luta, venceremos!

Lisboa, 27 de Junho de 1976».

e a actualidade nacional

"Tudo aquilo que é fascista votou em R. Eanes"

são, muitas das acusações, das calúnias, das insidias que foram proferidas ultimamente, até por um homem que eu sempre consideri, um óptimo militar, um bellissimo oficial, mas que hoje chego à conclusão que, enredado na máquina política e na máquina partidária deixou de o ser. Tecnicamente pode ser um bom oficial, mas politicamente e humanamente revelou-se-me um homem absolutamente igual ou inferior aos outros.

Diário de Lisboa: Foi dito que quando o sr. general se candidatou à Presidência da República era para provocar um amplo movimento de massas. Pensa que esse objectivo foi alcançado, e pensa que a sua candidatura veio contribuir para a modificação do panorama político português?

O. S. C.: Quanto ao amplo movimento de massas realizado, eu estou covicto de que, aqueles que são honestos e isentos nas apreciações, podem ter acompanhado o que foi a campanha eleitoral para a Presidência da República e portanto a resposta está dada por todos os noticiários, dos jornais isentos, não dos que têm uma informação sectária ou reaccionária.

Julgo pois que a resposta é afirmativa.

O amplo movimento de massas que existiu de Norte a Sul do País, e na Madeira (onde eu pude constatar-lo) foi de facto positivo.

Por outro lado, a minha deslocação aos Açores foi também altamente positiva, neste aspecto, porque as consequências que advieram dessa minha viagem foram importantes para o movimento de massas. Portanto, quanto ao objectivo que me propunha alcançar com a minha candidatura — mostrar que o movimento popular de massas estava vivo, e tinha apenas ficado travado em 25 de Novembro — esse objectivo foi realmente alcançado.

O MOVIMENTO DE MASSAS ESTÁ VIVO

A candidatura e os resultados eleitorais, podem vir a provocar, realmente alterações de monta no panorama político português, porque há um vector importante a considerar e que é normalmente desprezado pelos partidos políticos burgueses, que dominam a sua máquina partidária (até através de chantagens) e que neste momento falhou.

Tudo o que vier a obter para lá dos 15 por cento considero uma estrondosa vitória. Vamos contar, portanto, com a presença firme e actuante de todos aqueles portugueses que, não estão vinculados a qualquer partido político (há a tendência burguesamente de considerar todo o povo enquadrado em partidos políticos e divididos por eles) e, no mínimo, a minha campanha e as eleições vêm demonstrar que há grandes massas do povo português que não estão realmente enquadrados, carneiramente (sem ofensa) por partidos políticos, e que estão dispostos a acreditar num determinado programa político que neste caso é o meu, o qual julgam viável e julgam realizável e que é para já uma possibilidade de transformação da sociedade portuguesa.

México: Tendo o sr. uma média de 20 por cento dos votos, e sendo ainda

acusado num processo que o envolve ou envolvia num golpe de Estado, como responderá a essa provocação?

O. S. C.: Eu realmente estou envolvido num processo de golpe militar que é o do 25 de Abril. E, pelo caminho que as coisas levam no País, qualquer dia estarei sentado no banco dos réus, acusado de ter planeado, comandado, dirigido o golpe de 25 de Abril.

Quanto ao 25 de Novembro matenho o que tenho afirmado publicamente. O que até agora surgiu quanto ao 25 de Novembro, foram relatórios que eu continuo a acusar de inteiramente falsos, relatórios nos quais são tiradas ilacções precipitadas sobre acontecimentos anteriores ao 25 de Novembro, relatórios baseados, em denúncias inteiramente falsas.

Aqui há toda uma tentativa de destruir a figura de Otelo Saraiva de Carvalho, que agora já não serve. Em determinado momento permitiu a liberdade do País, mas agora é uma figura incómoda, ao «processo revolucionário». A verdade é que em 25 de Abril de 74, o processo revolucionário português se encaminhava decididamente para uma revolução democrática burguesa. Tal como a que existe em toda a Europa Ocidental.

No entanto houve uma altura em que nós, com o avanço da energia revolucionária das massas populares, fomos obrigados a definir o carácter socialista para a Revolução portuguesa. E a partir daí eu lancei-me, abertamente nesse campo. Mas eu enganei-me ao franquear essa porta. Não



sa. Se eu tivesse sido eleito, teria feito regressar realmente a vida do País a um clima de revolução, como aquele que vivíamos antes do 25 de Novembro, e que tanto assustava a classe exploradora, o que era natural.

Neste momento não poderei fazê-lo e não sei mesmo o que me irá acontecer. Continuo a ser um oficial do exército e passada esta fase agitada da campanha eleitoral e das eleições, regresso à minha condição de major de artilharia e fico nas mãos dos meus superiores hierárquicos.

Um limitar limita-se a obedecer, até que considere que a obediência que deve aos seus chefes, já não pode ser continuada. Mas por enquanto a minha situação é a de um oficial do exército.

El País-Espanha: O apelo que tem feito aos Grupos Dinamizadores de Unidade Popular pode considerar-se

GDUP's, considero que essa ligação foi feita.

Os interesses do povo português, do povo trabalhador, são exactamente os mesmos que estejam no Algarve, Alentejo, Beira Alta em Trás-os-Montes ou Minho.

Ou nas ilhas.

São exactamente os mesmos. As profundas aspirações de um povo, de um povo explorado, são sempre as mesmas em qualquer parte do mundo. Por isso também afirmo ao longo da campanha, que os trabalhadores, mesmos dos países capitalistas, são nossos aliados e até do povo americano. O que pode muitas vezes fugir a esta fraternidade, a esta igualdade de ideais e aspirações, são os governos de países e são os grandes partidos políticos.

Agora o povo trabalhador explorado, tem sempre as mesmas ambições, as mesmas necessidades profundas. A campanha permitiu-me verificar, o falso divisionismo entre o Norte e o Sul, entre a cidade e o campo, entre o Continente e as Ilhas. Porque as aspirações do povo português, são exactamente as mesmas. Simplesmente poderá haver zonas do País, que logo em 25 de Abril estavam abertas, mais mentalizadas para uma imediata transformação da sociedade portuguesa que estavam mais preparadas, catalizadas para a Revolução, do que outras zonas do País, onde o caciquismo existe ainda, onde o clero reaccionário tem influência muitíssimo grande e que domina, estranhamente, toda a ansiedade do povo trabalhador.

Em relação à entrevista que neste momento está a ser dada pelo dr. Mário Soares, pois é evidente que será a ligação, Eanes na Presidência, PS no Governo, portanto é um triunfalismo imediato de um partido político que já sabe a 100 por cento que poderá formar o governo que quiser.

OTELO NÃO VAI ABANDONAR A POLÍTICA

Diário Popular: Diz-se já publicamente que a candidatura do major Otelo será o seu último acto político. Teça comentários sobre isto. Por outro lado, neste momento, ainda falta saber as contagens de mais de 2 milhões de eleitores, ainda faltam os resultados da Cintura Industrial e dos grandes centros urbanos. Pode haver uma viragem ainda mais à esquerda e é possível a segunda volta. No caso de poder haver segunda volta, o major Otelo, faria uma coligação com o Partido Comunista Português e com o sr. almirante Pinheiro de Azevedo?

"É difícil poder avaliar até que ponto é que são correctos os resultados eleitorais. Há que saber se o povo, em certas zonas, votou livremente em quem quis".

me enganei pessoalmente a mim mas face à perspectiva que era da maioria, dos homens que controlavam, me queriam dominar e controlar o MFA. Lancei-me com camaradas que me apoiaram nessa luta para a Revolução Socialista. Com excessos e com violências, mas esses excessos e violências foram cometidos sobre a classe dominante, sobre a classe exploradora que, ao longo de todos estes anos, diariamente cometeu excessos e violências, utilizando todos os meios ao seu alcance, (um aparelho repressivo posto à sua disposição) para violentar o povo trabalhador. Essa classe exploradora detinha um poder económico e consequentemente dominava o poder político tendo à sua disposição um aparelho repressivo, com que reprimia constantemente as lutas dos trabalhadores, exilando, torturando e matando, portugueses que lutavam pela sua libertação.

ALTERAÇÕES NO PANORAMA POLÍTICO

A minha perspectiva neste momento, é uma perspectiva de libertação do povo português e continua a ser. Não sei para onde se encaminhará, neste momento, a sociedade portugue-

sa como a tentativa de formar um novo partido?

O. S. C.: Neste momento será difícil formá-lo. Considero é que estão criadas as bases, para a formação de uma ampla Frente das massas populares.

Não quero dizer daí se venha a formar um novo partido político. Agora essa frente de massas populares será criada, e poderá discutir bases programáticas fundamentais, que vão ao encontro das suas aspirações mais profundas, isso é uma verdade. Pode ser que a partir dessa frente ampla das massas populares (não Frente de cúpulas partidárias mas Frente ampla de massas populares) possa vir a criar-se um partido de massas. Mas de momento isso é imprevisível, portanto, não poderei afirmá-lo.

P. U.: Pensa que a ligação Norte-Sul foi feita através da sua candidatura?

No momento em que esta conferência está a ser feita, a RTP, transmite uma entrevista com o dr. Mário Soares. Pensa, que é exemplo de pluralismo de informação?

O. S. C.: Em relação à ligação Norte-Sul, considero que sim. Foi extremamente positiva a campanha eleitoral nesse aspecto, pois que tal como disse na mensagem que enviei aos

O. S. C.: Quanto ao facto de se dizer, que este acto eleitoral, constituirá o último acto político de Otelo Saraiva de Carvalho neste País, é evidente que não, até porque daqui a cinco anos vai haver novas eleições...

Quanto à questão de poder haver uma segunda volta (se houver uma alteração espectacular na situação presente) e se for eu o beneficiado dessa segunda volta, pois eu devo dizer que não faço coligações com partidos. Eu não pertença a nenhum, não faço coligações com eles. A mim o que me interessa (e o que eu quero dizer) é que os partidos políticos... estou farto de partidos políticos. E já estou farto de ouvir Octávio Pato, o Álvaro Cunhal, a dizer que sou antidemocrático, que sou contra os partidos... Eu não sou contra os partidos. **O que eu continuo a ser sempre, é profundamente contra as manobras divisionistas que os partidos fazem contra o povo trabalhador.**

Lá que existam partidos de direita que dividam a sua burguesia e a partam aos bocados, encantado da vida! Agora, quando vejo partidos políticos de esquerda, que se dizem revolucionários, a dividir profundamente as massas trabalhadoras e tentar controlá-las, a cortar-lhes a iniciativa, a estrangular a luta revolucionária das massas e a energia revolucionária das massas populares, então aí, eu realmente fico admirado. Portanto, para mim o socialismo tem de se construir não a partir de um controlo rígido, de uma chantagem, de uma disciplina, exercida sobre as massas trabalhadoras, mas pelo contrário dando a maior possibilidade de libertação a essas massas trabalhadoras. As massas trabalhadoras é que criam um socialismo autêntico.

Com unidade, com organização e mobilizadas para a luta as massas populares, a força das massas trabalhadoras é imparável.

As massas trabalhadoras, as massas populares é que criam o socialismo vivo, o socialismo autêntico.

Portanto eu não faço coligações com partido nenhum, nem irei pedir votos a ninguém.

Farei a campanha eleitoral e se aqueles que votarem hoje Pato ou Azevedo, aceito perfeitamente. Encantado da vida.

Eu tenho uma dificuldade muito grande em negociar com os partidos.

Falta-me paciência. Não faço negociações de qualquer espécie, seja com quem for.

O que para mim continua a ter força neste país (muitas vezes não consciente ainda) são as massas trabalhadoras; é preciso dar-lhes a consciência de que têm força e que com a unidade, organização e mobilizadas para a luta, o seu poder e a sua força são imparáveis neste país.

Eu verifiquei isto ao longo do processo revolucionário: os partidos políticos (as cúpulas partidárias, as ordens emanadas e disciplina partidária) foram frequentemente ultrapassadas pela energia revolucionária das massas populares.

Isto para mim é que é o fundamental.

ELEIÇÕES E POLITIZAÇÃO

«A LUTA» — Disse na sua introdução que os resultados demonstram o repúdio do Povo português perante o golpe do 25 de Novembro, identificando-se como militar do 25 de Abril e o gen. Eanes como do 25 de Novembro. Mas ele teve 60 por cento...

OTELO S.C. — Eu não faço as

“O socialismo tem de dar a maior possibilidade de libertação aos trabalhadores”

contas na globalidade. Faço-as em relação às zonas onde obtive percentagens apreciáveis: nas cinturas industriais, sobretudo na zona de Lisboa, no Alentejo, Setúbal.

Isto, para mim, significa que nas terras onde há povo trabalhador mais esclarecido politicamente, mais politizado, mais dentro da Revolução eu tive realmente uma percentagem confortável de votos.

Nas zonas mais obscuras politicamente, onde o domínio do caciquismo e do clero reaccionário é ainda muito grande, onde é difícil poder avaliar até que ponto é que são correctos os resultados eleitorais.

Há que saber se o Povo que votou nestas zonas votou na autêntica liberdade de espírito, se votou livremente em quem quis.

Portanto, tudo isto me leva a considerar que o Povo politizado, esclarecido, que sabe exactamente aquilo que quer, votou contra o 25 de Novembro, yue é um golpe reaccionário que provocou uma paragem na Revolução e nas conquistas alcançadas até aí.

Nos 60 por cento dos votos de Eanes está toda a direita do País. Tudo aquilo que é fascista neste país votou Ramalho Eanes.

Além destes votos, temos que nos lembrar que a esmagadora maioria da população portuguesa vive a norte do Tejo (são as zonas mais obscuras sob o ponto de vista político e onde



elas lançadas, pedidas, por uma Comissão de Inquérito criada precisamente com essa finalidade.

Portanto, eu nunca tive a mínima interferência nas prisões efectuadas (nem nas referentes ao 11 de Março, nem nas referentes ao 28 de Setembro, nem referentes ao 25 de Novembro, nem referentes a sabotagem económica).

Nunca meti aí prego nem estopa. Simplesmente houve prisões que

movida contra mim — eu fui o alvo principal de toda a campanha, fui o mais atingido pela maioria dos candidatos — devo dizer que no dia em que estava a encerrar a campanha no Terreiro do Paço, estariam 200 ou 300 militantes de um partido, no Alentejo, a tentar agarrar as bases e evitar que elas viessem para Lisboa — portanto apesar de toda a campanha, a calúnia, a insidia, a verdade é que o resultado é bom.

OTELO S.C. — Chamam-se incoerente pelo facto de um Outubro de 74, em entrevista que dei ao «Povo Livre» (jornal partidário do PPD) ter feito afirmações de certo modo elogiosas à social-democracia europeia e ao tipo de sociedade das democracias burguesas ocidentais.

Nessa altura eu estava absolutamente condicionado pelo programa do MFA, em encaminhou o processo português no sentido de uma revolução democrático-burguesa.

Quando, a partir do 11 de Março, definimos concretamente o carácter socialista da Revolução portuguesa, arregacei as mangas e disse: bem, isto agora é trabalhar a sério, agora é a Revolução Socialista e vamos para a frente.

Nessa altura, muitos camaradas do MFA que se diziam altamente progressistas disseram a mesma coisa «Sim senhor: Revolução Socialista».

Mas passados 3 meses, já tudo estava a meter travões a fundo, e até meter a marcha atrás.

Quando isso acontece, quando na maior parte dos camaradas há este recuo considerável para posições anteriores, eu já estava tão avançado que já não podia recuar.

Eu não fui incoerente, fui avançando sempre. Os outros é que travaram a fundo e recuaram.

Eu deixei portanto, de acreditar na esmagadora maioria daqueles que estiveram comigo nos órgãos de decisão político-militares. Vi tanta incoerência, tanta mutação brusca de atitude...

“As cúpulas partidárias foram frequentemente ultrapassadas pela energia revolucionária das massas populares. Isto para mim é que é o fundamental!”

há o caciquismo e o clero reaccionário profundamente implantados e com um domínio muito grande) e, portanto, o que sobra da direita e da extrema-direita é população de zonas deste tipo.

«CAMBIO 16» (espanhol) — Não está arrependido de, quando teve o poder, não ter alterado a carreira política e militar de Ramalho Eanes?

OTELO S.C. — Num processo revolucionário como o português, que peço sempre por uma extraordinária indecisão, por uma liderança que foi sempre fluida, que nunca se soube bem qual era o centro de decisão que dominava o processo revolucionário uma tomada de posição como essa, eu, realmente, não a podia tomar.

Aliás, nem estava em condições de a tomar.

Aquilo que diz o sr. almirante Pinheiro de Azevedo (que foram feitas pressões para prender Ramalho Eanes por causa do 11 de Março) não foi tanto assim.

Aventou-se essa hipótese, mas eu fui sempre contra prender-se alguém desde que não houvesse um mínimo de provas que esse alguém estaria incriminado em alguma coisa.

Devo referir, por exemplo, que as prisões do 11 de Março foram todas

foram solicitadas ao Copcon.

Em relação à prisão de Ramalho Eanes sobre os acontecimentos do 11 de Março, não me foi dado um mínimo de provas concluentes de que Ramalho Eanes estaria realmente implicado.

Pergunta:

Dado que durante a candidatura se admitiram grandes perspectivas de o candidato do 25 de Abril ir à Presidência, não considera que estes resultados poderão ser desmobilizadores?

O TRIUNFALISMO

OTELO S.C. — Considero que não. Aliás, durante os comícios que fiz, considerei que havia uma grande esperança que eu fosse à Presidência. Mas não havia triunfalismo: se não for, a luta continua, não paramos.

Havia esperança sem triunfalismo. Quanto aos resultados considero-os largamente positivos.

Face a toda a campanha que foi

A "surpresa" que foi a votação em Otelo

(...)

A percentagem do major Otelo, que dentre os candidatos derrotados pode impressionar mais, e a meu ver fruto de uma grande decepção de parte do eleitorado a que se junta uma certa desorientação. Para mim, o major Otelo e a sua candidatura simbolizam o 25 de Abril deturpado. É deturpado em grande parte por responsabilidade do próprio major Otelo. Creio que a circunstância de ainda haver uma percentagem de 16 ou 17 por cento de votos para o major Otelo, pode significar um recrudescer de dificuldades para o funcionamento da democracia e a resolução dos problemas que enfrentamos. Sobre tudo quando se vê o tom, turbulento, que se adoptou na sua conferência de imprensa. O que aí prometeu e, no fundo, a anarquia pseudo-revolucionária, a estratégia anti-democrática que vivemos nos períodos do gonalvismo e da FUR. Parece-me que há uma tentativa nitida de ressuscitar a malograda FUR de tão triste memória de adotar métodos semelhantes aos então empregues para derrubar a democracia e impor um regime totalitário com cara de pseudo-revolução.

(...)

(SÁ CARNEIRO)

SÁ CARNEIRO

A grande burguesia vê deitados por terra os seus planos de fácil recuperação da situação. A repressão a que chamam «ordem» é a tônica dos seus discursos. Tal como Salazar, Marcelo Caetano e Spínola, a luta dos trabalhadores é sinónimo de «anarquia» de situações «antidemocráticas», dantes chamavam-lhe comunismo, mas, agora, ainda não têm força para isso. A burguesia percebe que a votação em Otelo é um incentivo para a luta dos trabalhadores, e o expressar de milhares de trabalhadores que estão dispostos a não consentir o regresso ao fascismo e, o que eles ainda temem mais, estão dispostos a avançar para a revolução socialista.

«Devo dizer que, à excepção da percentagem obtida pelo major Otelo, nada me admira.»

(...)

«Porque foi bastante maior do que eu esperava. Mas depois de ver estes resultados e de os confrontar, pensando um pouco, chego a conclusão de que uma vez mais o povo português reafirma, exige, o espírito do 25 de Abril.»

Aqueles que votaram no major Otelo estavam de facto a votar no 25 de Abril. Da mesma forma os que votaram nos outros candidatos militares foi no 25 de Abril que votaram. E isto confesso, embora em termos individuais e situando-me a que lhe chamem o que quiserem, representa uma grande vitória para todos nós.»

(...)

(VICTOR ALVES)

LOPES CARDOSO

«A grande surpresa», Otelo um «símbolo» das conquistas dos trabalhadores alentejanos, o voto em Otelo «uma forma de exprimir o seu desejo de uma maior autonomia e de uma maior liberdade»... «isso não nos provoca nenhuma preocupação particular». Mas a Mário Soares preocupa-o, e muito. Vejã-se a diferença entre o tom das declarações de Mário Soares e as de Lopes Cardoso. Otelo não é só um símbolo das conquistas alcançadas, ele é, mais importante do que isso, e tal como ele o definiu, um factor da grande luta dos trabalhadores pela Revolução Socialista, pelo «socialismo de base». A campanha de Otelo não é a de tornar-se um «símbolo» do passado recente, é assumi-lo, perceber o presente e lutar pelo avanço dessas mesmas conquistas até à vitória final.

Lopes Cardoso - Eu penso que quando nós olhamos os primeiros resultados que surgiram, essa será pelo menos para mim, confesso, a grande surpresa, a percentagem alcançada pelo major Otelo Saraiva de Carvalho, sobretudo quando nós a comparamos à percentagem obtida pelo candidato do Partido Comunista (...)

As percentagens relativas do major Otelo Saraiva de Carvalho e do candidato do Partido Comunista, essas sim, constituem para mim uma surpresa e traduzem uma situação que terá necessariamente de ser tida em conta, pois julgo que isso resultará em grande parte, porque o major Otelo Saraiva de Carvalho terá surgido aos olhos dos trabalhadores do Alentejo como um símbolo daquilo que foi a conquista alcançada por eles próprios, e isso é importante que se tenha em conta na Reforma Agrária como símbolo, a convicção ao mesmo tempo de que esta Reforma Agrária não voltaria para trás.

(...)

(LOPES CARDOSO 'A TV')

O 25 de Abril tem efectivamente, todos o sabemos, um grande apelo sentimental junto das massas populares deste País; o 25 de Abril foi a libertação. E fez que muita gente votasse por isso em Otelo Saraiva de Carvalho, o que não representa uma vitória das forças que o apoiam, em Portugal como aliás em toda a parte da Europa representam o máximo 5% do eleitorado. Seria extremamente perigoso para Portugal e para aspectos inesperados, lhe dá o direito de continuar uma campanha que o povo português já muito claramente em duas eleições, e agora mesmo com a grande vitória que dá ao general Eanes, rejeitou, a meu ver, de uma maneira clara.

(MÁRIO SOARES 'A TV')

MÁRIO SOARES

«Seria extremamente perigoso para Portugal que a luta continuasse. Para que Portugal? Para o do sr. Ramalho Eanes, evidentemente, para os «empreendedores». Para nós seria extremamente perigoso que a luta passasse. De lados diferentes da barricada têm-se opções diferentes, têm-se objectivos diferentes. O sr. Mário Soares está muito preocupado com o problema da «campanha» continuar. Não é para menos!»



«Para mim é surpreendente a percentagem obtida pelo major Otelo. E devo dizer que ainda não consegui compreendê-la. Ainda não arranji explicação.»

(...)

(VASCO LOURENÇO)

VÍTOR ALVES, PEZARAT CORREIA, VASCO LOURENÇO

Três membros do Conselho da Revolução, todos eles apanharam uma «surpresa». Vasco Lourenço não conseguiu ainda arranjar uma «explicação», o que não é de admirar. Com toda a propaganda que andou a fazer de Eanes, temos de admitir que não lhe valeu de muito. Para Vítor Alves os votos nos candidatos militares (Otelo, Eanes e Azevedo) são votos no 25 de Abril. Tudo no mesmo saco e não lhe interessa tirar um pois apanharia um balde de água fria. Começariam a aparecer-lhe monóculos e demais objectos característicos. O que lhe interessa é que não façam muitas ondas, que se dêem todos muito bem, só que e infelizmente para Vítor Alves, a época da grande conciliação já passou. Agora há uns que são do 25 de Abril, e outros que, são pelo 24. Pazarat Correia, o terceiro dos militares que

«Se há alguma surpresa é apenas na percentagem obtida pelo major Otelo.»

Pessoalmente não contava que ele obtivesse tantos votos.

(...)

«Isso significa que a votação no major Otelo não é apenas a dos militantes dos partidos políticos que o apoiaram mas também de outros sectores o que em última análise significa que se mantém muito viva, através do major Otelo, a imagem do sr. F. A., a imagem do 25 de Abril.»

(...)

(PEZARAT CORREIA)

apanharam «surpresas», considera que a votação em Otelo significa «que se mantém muito viva, através do major Otelo, a imagem do M. F. A., a imagem do 25 de Abril. E através do general Eanes o que se vê? Vê-se tudo negro. Não é só dos olhos escuros!»

A ANÁLISE DOS RESULTADOS

EANES — PRESIDENTE SEM MAIORIA

São assim as leis, são assim as contas oficiais. A vitória «estroncosa» de Eanes é um bluff. Não consegue a maioria do eleitorado, não consegue o apoio total das bases dos partidos que o apoiaram.

Oficialmente, Eanes ganhou com 61 por cento o que corresponde a 2 967 414 de votantes. Só que o eleitorado é composto por um total de 6 477 484, o que quer dizer que cerca de 54 por cento não votou Eanes, não quer Eanes na presidência.

Nos grandes centros industriais, nas zonas dos assalariados rurais e

em algumas de pequenos camponeses, a derrota de Eanes foi notória.

Mas a derrota não é só para Eanes, é também para os partidos burgueses. Mais de um milhão de votantes daqueles partidos fugiram às directivas das suas direcções.

Eanes e Soares vão governar. Vão pôr os trabalhadores a trabalhar. Vão pôr a GNR e a PSP a reprimir.

O pior é que para já, só têm 46 por cento do eleitorado a apoiá-los. Mas a perderem um milhão de votos à média de dois meses, vão ter grandes dificuldades...

candidatos que terá beneficiado dos votos perdidos por Eanes. E muitos deles, serão mais tarde conquistados para o lado da revolução, porque não querem fascismo, não querem Eanes e outra alternativa não lhes surgirá.

Mas a luta contra Eanes saiu cara a Pinheiro de Azevedo. Por tudo o que disse e por tudo o que mais iria dizer, Pinheiro é acometido de doença súbita, precisamente no dia em que iria pôr os «pontos nos iis» relativamente a Eanes.

PINHEIRO — A CONTRIBUIÇÃO PARA O ANTI-EANES, PARA O ANTI-FASCISMO

Pinheiro de Azevedo, foi a candidatura que mais se caracterizou pelo Anti-Ramalho Eanes. Isto porque ocupando os dois o mesmo espaço político, Pinheiro sabia que só denunciando Eanes e aquilo que ele representava poderia ter algum apoio. E é assim

que consegue cerca de 690 mil votos, votos estes que são de indivíduos que perceberam que o projecto de Eanes se transformará rapidamente em fascismo, mas que não querem uma alternativa revolucionária.

Pinheiro de Azevedo foi um dos

PATO — O «FALHANÇO» DO VOTO ÚTIL

O PC dividiu, manobrou, caluniou, conciliou.

Um jogo perigoso, que o levou à derrota.

Sempre batendo na mesma tecla da maioria de esquerda, o PC não conseguiu segurar as suas bases. E não consegue, porque é demais evidente para os trabalhadores que apoiavam o PC, que fazer maiorias com o PS, quando este foge cada vez mais para a direita no seu apoio a Eanes e que este homem representa a vinda do fascismo, não é a actuação que interessa aos trabalhadores.

É assim que nos centros de maior influência, o PC perde votos em favor de um projecto revolucionário. É o que

acontece em Setúbal e Lisboa mais notoriamente, estendendo-se a todo o Alentejo, sendo nestes centros que Otelo consegue maior votação.

Justificar estes números é difícil para o PC, sobretudo quando não se quer dizer a realidade, reconhecer o falhanço da sua política, reconhecer que os trabalhadores não querem alianças com a burguesia, reconhecer que os trabalhadores querem avançar na concretização de um projecto revolucionário, reconhecer que os trabalhadores não querem mais ser controlados.

Estas afinal, as únicas justificações para a perda de cerca de 400 mil votos.

DISTRITOS	PERCENTAGEM DE EANES		N.º DE VOTOS PS + PPD + CDS	— (N.º DE VOTOS) EANES	DIFERENÇA ENTRE N.º DE VOTOS NO P.C., ENTRE A A R E A P R	N.º DE VOTOS DE OTELO
	Sobre n.º inscritos	Sobre n.º de votantes				
Angra do Heroísmo	59,38%	86,06%	38 249	- 30 649 = 7 603	- 5	1 302
Aveiro	57,00%	74,47%	286 629	- 217 589 = 69 040	- 4 332	20 364
Beja	25,38%	34,59%	53 176	- 36 219 = 16 957	- 26 104	34 339
Braga	57,06%	70,20%	290 289	- 218 459 = 71 830	- 5 194	25 089
Bragança	55,79%	82,59%	80 099	- 67 593 = 12 506	- 394	2 725
Castelo Branco	55,13%	76,25%	112 089	- 96 828 = 15 261	- 4 535	14 393
Coimbra	47,69%	71,93%	192 334	- 147 906 = 44 428	- 8 518	19 801
Évora	28,97%	36,03%	57 748	- 39 847 = 17 901	- 30 652	38 509
Faro	36,90%	52,88%	135 114	- 87 590 = 47 524	- 14 969	41 018
Funchal	53,30%	72,39%	104 904	- 76 417 = 28 487	+ 882	9 510
Guarda	59,09%	82,87%	100 986	- 88 451 = 12 535	- 991	4 528
Horta	62,15%	84,31%	20 337	- 16 148 = 4 189	+ 143	609
Leiria	55,37%	76,63%	181 786	- 156 404 = 25 382	- 7 312	18 682
Lisboa	40,24%	53,55%	815 339	- 582 103 = 233 236	- 150 678	259 915
Ponta Delgada	41,42%	71,10%	60 628	- 35 260 = 25 368	+ 1 118	1 161
Portalegre	43,35%	56,12%	63 349	- 47 665 = 15 684	- 8 877	14 122
Porto	48,34%	60,43%	690 200	- 450 236 = 239 964	- 30 716	86 356
Santarém	42,56%	58,68%	195 246	- 141 397 = 53 849	- 12 258	48 370
Setúbal	23,03%	29,87%	161 222	- 96 739 = 64 483	- 98 560	135 495
Viana do Castelo	53,22%	74,64%	106 294	- 87 136 = 19 158	- 4 250	8 075
Vila Real	54,04%	81,59%	108 368	- 91 261 = 17 107	- 648	4 552
Viseu	55,89%	81,19%	187 987	- 155 520 = 32 469	- 1 469	7 477

e a actualidade nacional

Eanes reprimiu em Évora

Devido a falta de espaço não pode o «REVOLUÇÃO» publicar uma entrevista que fez a um camarada trabalhador de Évora, sobre os incidentes ocorridos durante a campanha para as eleições presidenciais, em Évora e Beja, nos comícios que Ramalho Eanes aí fez.

A existência do filme sobre os incidentes é uma prova irrefutável do que é a «liberdade em segurança», do que se passou em Évora. Ramalho Eanes em conferência de Imprensa declarou que o carro de onde saíram os disparos não pertencia à sua segurança. No entanto, e sem entrar na contestação desta afirmação, o que é feito pela entrevista (e pelo filme que a Comissão Nacional de Apoio à candidatura de Otelo foi proibida de passar na TV), como explica Eanes a não detenção dos ocupantes do carro, dos assassinos de um trabalhador?

Muito simplesmente, é a «liberdade em segurança», é a liberdade de a burguesia assassinar em segurança.

O camarada trabalhador que entrevistámos começou por afirmar:

Trabalhador — «Sobre os incidentes e o que há a salientar é o seguinte: A hora que estava marcada a chegada de Eanes a Évora estavam muito poucas pessoas junto ao local do comício que era a Praça de Touros, estavam cerca de... pouco mais de cem pessoas, cento e cinquenta pessoas.

Nenhum grupo, nenhuma organização fez convocação para um boicote ao comício. Simplesmente as pessoas, sabendo da chegada dele, à medida que iam passando, iam ficando. A certa altura ele chega, bastante atrasado em relação à hora prevista, e, nessa altura estavam aí cerca de 700 pessoas de esquerda, portanto trabalhadores que, espontaneamente, o esperavam. Não há nenhuma pré-intenção de boicotar o comício de Eanes. Simplesmente, ele tem a triste ideia de, quando chega e vê aquelas pessoas, julgando que lhe eram afectas, levantar-se no carro descapotável e agradecer. Então, e só nessa altura, houve um grito que rebentou no meio da multidão que foi «Presidente há só um Otelo e mais nenhum». Isto fez com que ele recusasse e que, imediatamente se metesse no carro. Nunca mais ninguém o viu. Quando Eanes entrou para a Pr. de Touros, só passavam as pessoas que o acompanhavam na caravana e isso levantou ainda mais os ânimos porque as pessoas ali presentes reconheceram que a comitiva era efectivamente de latifundiários fascistas e alguns laiaios. Portanto, ele entra na Pr. de Touros e espontaneamente, gera-se um movimento para entrar na Pr., atrás dos homens que o acompanhavam. A polícia nessa altura impediu isso, carregando sobre os trabalhadores desaffectedos a Eanes. Eles efectivamente não entraram; o comício começa com

cerca de 1.000 pessoas, pouca gente e ainda por cima quase toda vinda de fora, tudo de carro (estariam para aí uns 200 carros e que carros!) Durante o comício as pessoas vão dispersando, ficando ali só alguns curiosos.

A saída é verdade que houve algumas escaramuças, aqui e além, sem atingir um ânimo suficientemente grande para a gravidade do que se iria passar. Porque a certa altura, sem mais nem menos, de um carro da segurança de Eanes, um Opel diesel preto, pela janela de trás do lado do condutor sai o cano de uma pistola metralhadora que vai disparando em rajada. Esses disparos, por acaso, só atingem uma pessoa, um trabalhador, que estava aliás sentado num muro, portanto nem sequer era das pessoas mais exaltadas, longe disso, aliás os exaltados eram poucos. Ele foi atingido mortalmente».

Revolução — Portanto eles é que dispararam?

Trabalhador — «Sim, aliás, a própria polícia confirma isso, é que disparos em Évora só houve da parte da segurança de Eanes, e foram disparos em rajada.

Disparos sem qualquer nexo que poderiam ter atingido muito mais gente e, mesmo da maneira como foram disparados, poderiam ter atingido gente afecto ao próprio R. Eanes. Eu penso mesmo que aquilo não teria surgido por acaso, porque inclusivamente, pouco mais houve além de umas agressões da parte da polícia, à cacetada apenas, e uma troca de pedradas, cujos resultados mostram bem donde é que elas vinham, pois feridos só há do lado dos trabalhadores hostis a Eanes.

O que se verifica depois disto é que a polícia não se preocupa com

quem dispara, com quem pensa em matar, só se preocupa com os trabalhadores. Não se preocupa em pôr fim a aquele tiroteio.

Verifica-se uma coisa que escandalizou toda a população, é que, por todas as aldeias, desde Évora até Beja havia um aparato policial, como nunca visto no Alentejo desde há muitos anos, montado pela GNR.

Revolução — Sabes como foram os incidentes em Beja?

Trabalhador — Só mais uma coisa sobre Évora que me esqueci de dizer — quando Eanes saiu do comício, já não havia em Évora senão umas 300 ou 400 pessoas, portanto metade dos que estavam quando ele chegou, isto da parte da esquerda, dos trabalhadores.

Em Beja é recebido por cerca de um milhar de pessoas, mais ou menos o mesmo que os acompanhantes de Eanes. É recebido já aos gritos de «fascista» e «assassino», pois nessa altura já se sabia da notícia do trabalhador morto em Évora. Nada também aí tinha sido preparado. Ele quando tem essa recepção dirige-se ao comício e começa a falar em tons provocatórios, chamando-lhes estudantes e filhos de latifundiários. Perante uma provocação tão grosseira, começam a chover pedras. A polícia não consegue afastar os trabalhadores, que respondem à polícia e só 1 ou 2 pelutões da GNR que, disparando para o ar, conseguem afastar o pessoal. O comício termina rapidamente e Eanes foge».

Revolução — Queres dizer mais

“O Dia” provoca o povo de Setúbal

O pasquim reaccionário «O Dia» de hoje, publica, sob o título «A «Comuna» de Setúbal vai entregar o poder a «Fidel» Carvalho», um artigo inteiramente baseado em falsidades e cuja intenção provocatória é por demais evidente

A Comissão Concelhia de Setúbal de Apoio à Candidatura do major Otelo Saraiva de Carvalho à Presidência da República, como representante legítima e autorizada dos simpatizantes desta candidatura na cidade de Setúbal, desmente que tenha sido hasteada na Praça da Misericórdia a bandeira a que se refere a notícia de «O Dia»; desmente que tenha sido afixado qualquer dístico anunciando uma absurda «entrega do poder» na cidade ao major Otelo; desmente que tenha sido elaborado qualquer panfleto convidando as Forças Armadas à resistência contra o regime ou propondo a constituição de um qualquer «exército vermelho»

Esta Comissão Concelhia protesta veementemente contra um tal amontoado de calúnias e falsidades, que qualifica suficientemente o jornal que lhes dá publicidade

Esta Comissão Concelhia denuncia que uma tal provocação, à boa maneira da famigerada Pide/DGS, só pode ter por objecto preparar a opinião pública para medidas repressivas sobre os antifascistas de Setúbal e de todo o País que, em número de centenas de milhares, deram o seu apoio à candidatura do major Otelo Saraiva de Carvalho. Ela visa também justificar medidas repressivas contra o ma-

alguma coisa?

Trabalhador — «Talvez salientar que entre as pessoas ali presentes, havia pessoas do PS, do PC, de todas as organizações da esquerda revolucionária e muitas e muitas pessoas sem filiação partidária. Isto talvez seja importante.

O que a Imprensa diz é perfeitamente falso, que houve troca de tiros etc. Não houve troca de tiros, houve apenas tiros disparados pela segurança de Eanes.

Por outro lado, e já no que diz respeito ao funeral desse trabalhador que não tinha qualquer filiação partidária, o Governo Civil de Évora tentou desmobilizar as pessoas, dizendo que não se faria naquela tarde pois ainda se tinha que fazer a autópsia. De repente surge a marcação do funeral para as 6.30. Isto é uma manobra pidesca, procurando afastar o máximo dos trabalhadores do cortejo fúnebre. Efectivamente, milhares e milhares de trabalhadores foram afastados do cortejo fúnebre. Posso dizer que se o funeral fosse na 2.ª-feira havia largas paralizações de trabalho. Isto não aconteceu porque efectivamente houve este tipo de manobra.

Talvez seja de salientar que apesar disto, em poucos minutos, depois de estarem desmobilizados, o cortejo incorporou cerca de 4.000 pessoas. Os trabalhadores estavam ali. Estavam numa posição antifascista, de quem sentia na carne a repressão antifascista que acabava de abater um camarada de trabalho.

o major Otelo, cujo único «crime» é a sua firmeza inabalável em defesa da democracia e dos interesses do povo trabalhador

Esta Comissão Concelhia alerta todo o Povo, de Setúbal para a necessidade de se manter mais do que nunca vigilante, unido e firme perante quaisquer novas provocações que se possam seguir a esta baixa provocação de «O Dia». A Comissão Concelhia convida todos os GDUPS, assim como as comissões de trabalhadores, comissões de moradores, sindicatos e outros órgãos populares de base, a manterem-se vigilantes, a unirem decididamente à sua volta toda a população na luta pelas liberdades, contra o fascismo, e a manterem-se em contacto estreito e permanente com a sede da Comissão Concelhia

Que o povo de Setúbal, de tão grandes tradições de luta pela liberdade, se mantenha firme e confiante. Com actos destes, os reaccionários apenas manifestam a sua impotência e desespero. Eles esquecem que o 25 de Abril já não pode ser riscado da História de Portugal que o Povo não consentirá sob nenhum pretexto o regresso do fascismo

A LUTA CONTINUA!

Comissão Concelhia de Apoio à Candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho à Presidência da República

Av. dos Combatentes, 20 — SETÚBAL
Setúbal, 29 de Junho de 1976

A 1ª. bomba pós-eleições

No seguimento do plano da direita terrorista que visa criar um clima de insegurança na população, tentando assim torná-la receptiva a «liberdade em segurança», ao regresso do fascismo, desta vez, e depois da casa de Angola, da embaixada de Cuba, da sede do PCP, rebentou uma bomba na sede da Intersindical.

Começa, assim, e no rescaldo dos resultados eleitorais, a desenharse claramente o que espera a classe trabalhadora a partir de agora.

Nas suas organizações quer partidárias, quer sindicais ou quaisquer outras, aquilo que Ramalho Eanes não conseguir destruir pelas «Leis», encarregam-se os grupos terroristas de o fazer pelas bombas.

A bomba na Inter, é mais um alerta a todos os trabalhadores, é a nova fase do avanço da direita fascista.

TIMEX

Depois de 30 de Junho qual a alternativa?

Com o 25 de Abril as multinacionais começaram a sair do País. Pararam os investimentos, abrem falências.

Atirar os trabalhadores para o desemprego e sabotar a economia era a sua tática

A Timex não foge à regra. Os trabalhadores encontram-se em luta, mesmo desde antes do 25 de Abril.

Os problemas são difíceis de resolver. A resolução dos problemas favoravelmente aos trabalhadores passa pela reconversão da empresa e, esta passa pela planificação da economia.

«Revolução» esteve na conferência de Imprensa dada no passado dia 25, em que estiveram presentes membros da Comissão de Trabalhadores e Delegados Sindicais da Timex e um representante do Sindicato das Indústrias de Ourivesaria, Relojoaria e Correlativos do Sul.

Dois objectivos levaram à conferência de Imprensa: esclarecer a situação em que se encontram os trabalhadores da Timex e quais as alternativas que se põem aos trabalhadores quando em 30 de Junho expirar o acordo celebrado entre o Ministério do Trabalho e a administração da Timex e, ao mesmo tempo, divulgar o livro «O Caso Timex» que irá aparecer nos próximos dias.

Sobre a situação da empresa, um membro da mesa afirmou: «A nosso ver estando a fábrica condenada a médio prazo, poderá não estar a curto prazo, nós pomos a questão da seguinte maneira: é possível que a fábrica não feche no dia 30 de Junho, mas numa perspectiva histórica de evolução tecnológica ela está condenada. Portanto, hoje em dia, para salvaguardar os postos de trabalho, se analisarmos os produtos que Portugal importa, nós temos que ver se a fábrica poderia dar uma resposta imediata ou não a este problema. Nós respondemos pela afirmativa, por uma comparação estatística e por um estudo que fizemos à indústria no seu conjunto nacional.

«Simplesmente vocês devem reparar na dificuldade de se aplicar isto e, portanto, defendemos o seguinte: se a fábrica está condenada a médio prazo, o problema reside na necessidade imperiosa de se fazer um estudo que vá às raízes do problema, que passe por um plano, mínimo que seja, ainda que sectorial da indústria nacional e da indústria relojoeira».

No Ministério do Trabalho as promessas foram muitas, esse estudo necessário foi prometido mas, como se afirma, na conferência de Imprensa «isto foi completamente posto de lado, não pela impossibilidade de ele ser feito. Ele é perfeitamente possível e deve-se avançar, mas porque há carência de um plano global que possa responder a estas necessidades de uma economia nacional e, portanto, dos próprios trabalhadores.

«A situação foi resolvida como um bombeiro procura apagar os fogos. Estávamos numa altura em que era necessário preservar a eleição para a Assembleia da República, não era conveniente haver uma solução mais fir-

me, fez-se o acordo e adiou-se a resolução do problema até 30 de Junho.

«É evidente que ele agora volta a ser posto e, para os trabalhadores, a situação é tanto mais grave, quanto é verdade que é impossível, ainda que eles quisessem garantir a autogestão da fábrica, ou qualquer processo de controlo das instalações fabris, seria impossível continuar a fabricar relógios pois, como vocês sabem, as multinacionais têm um sistema em que é impossível na própria fábrica o produto ser começado e acabado».

A seguir o membro da mesa explicou a fraude que a administração utiliza e com a qual pretende justificar os prejuízos da TM - Portugal que são sempre lucros para a multinacional.

«A TMX - Portugal tem a sede nas Bermudas, por causa do sistema tributário. Por exemplo eles produzem dois milhões de relógios anualmente, enviavam uma primeira factura para a TMW - Portugal - Bermudas a um preço mais baixo do que o custo. Suponhamos que o relógio custava 200\$00, a TMX - Portugal - Bermudas facturava à casa mãe a um preço mais baixo do que o do custo, e só na fase final, ao cliente é que o relógio aparece com um preço logicamente superior ao do custo.

«Isto implica que eles digam que a fábrica em Portugal tenha um prejuízo da ordem dos milhares e milhares de contos».

O livro «O Caso Timex» é a explicação do processo de luta dos trabalhadores. Aí se apresentam as suas alternativas, aí se dá a conhecer aos trabalhadores portugueses, muito mais profundamente, a luta dos trabalhadores da Timex contra as multinacionais.

O seu livro, é ao mesmo tempo um meio de organização, é um meio de luta pela unidade dos trabalhadores e pelo ressurgir da luta.

O livro é também para que, com os possíveis lucros da sua venda, se forme um fundo de apoio aos trabalhadores e do Sindicato dos Ourives representantes. «O livro em si é também um alerta que pretende chamar a atenção para o peso das estruturas multinacionais e da sua força, e pretende demonstrar que apesar do aspecto gigantesco com que são encaradas é possível aos trabalhadores fazer-lhes frente por forma a fazer valer os seus direitos».

O caso TIMEX

CRISE DO SISTEMA CAPITALISTA INTERNACIONAL?

CONSEQUÊNCIA DO PROCESSO POLITICO PORTUGUÊS?



A SITUAÇÃO NA TIMEX — Comunicado do Sindicato

Como é do conhecimento público, a filial da Timex em Portugal está a laborar ao abrigo de um acordo celebrado entre o Ministério do Trabalho e a administração desta multinacional, à luz da qual se diminuiu a semana de trabalho para três dias e se permitiu que os trabalhadores que voluntariamente o desejassem e até ao máximo de 668, deixassem a empresa com a garantia do pagamento de indemnizações, como se despedidos fossem. Os trabalhadores em plenário tiveram de aceitar o acordo porque o proteramento de um estado sério e profundo por parte das entidades governamentais foi superado pelo desejo de não se criarem dificuldades no período para a eleição dos deputados à Assembleia da República.

Por isso mesmo o acordo celebrado é temporário e expira a 30 de Junho, portanto no final do mês em curso. A gravidade da situação é tanto maior quanto é facto, aliás público, que durante este lapso de tempo não se incentivaram os mecanismos previstos por forma a que o referido estudo tivesse ao menos começo.

Ademais e a agravar a situação há o facto, previsto por acordo de muitos trabalhadores não terem acesso à fábrica porque no entender da administração não podem ser incluídos no sistema de rotação que foi previsto. Só que, por estranho que isso possa parecer, a esmagadora maioria dos elementos que se encontram nestas condições eram e são elementos de vanguarda, mormente delegados sindicais e membros de comissões de trabalhadores.

O Sindicato das Indústrias de Ourivesaria, Relojoaria e Correlativos do Sul, reitera mais uma vez a denúncia para o facto de o acordo estabelecido não ter tido a participação de membros dos órgãos representativos dos trabalhadores.

Neste momento tudo indica que a situação na TMX, PORTUGAL, Ld.ª se tenderá a agravar. E se é verdade que neste agravamento se vislumbram acções típicas de actuação de uma multinacional, não é menos certo que as mesmas se desenvolvem por coerência de um plano ainda que sectorial que vá ao encontro das raízes dos problemas.

Daí que, cónscio da responsabilidade que lhe cabe, o Sindicato das Indústrias de Ourivesaria, Relojoaria e Correlativos do Sul tivessem resolvido editar o livro «O CASO TIMEX» que não é senão a expressão de uma parcela da luta dos trabalhadores desta multinacional. (...)

(Comunicado da Direcção do Sindicato das Indústrias de Ourivesaria, Relojoaria e Correlativos do Sul)

dos trabalhadores

BAIRRO DE ANGOLA

Um despejo falhado os moradores fortalecidos

Tem-se verificado, nestes últimos dias que as forças repressivas (PSP e GNR) se têm recusado a fazer despejos. De admirar, pois as ordens de despejo são feitas, só que a GNR e a PSP não as executam. Será falta de coordenação ou mais uma contra-dição no seio do poder. O que é certo é que o momento que atravessamos não é muito propício a que o poder reprima muito. Além disso o chefe do Governo também é candidato!...

Por outro lado, também o Presidente da República chamou a atenção

do Governo pela forma como os despejos se têm efectivado.

Para os trabalhadores esta situação não é de «grandes esperanças», pois sabem que não é de um momento para o outro que o mesmo Governo os passa a proteger.

Eles sabem perfeitamente que esta situação é criada pelo período eleitoral, de grande expectativa para a burguesia e se esta conseguir eleger um dos seus candidatos, os despejos voltarão e com uma repressão mais desenfreada do que aquela que se tem



Contra a situação de miséria em que viviam, os trabalhadores souberam organizar-se para as ocupações.

A burguesia com o 25 de Novembro sentiu-se com força para começar a fazer despejos. A luta contra estes é uma das tarefas principais dos moradores.

verificado até agora. Aliás o Governador Civil de Lisboa já disse aos moradores do Bairro de Angola que se uma companhia não chegasse para efectuar um despejo, iria um batalhão, iriam dois...

Falámos com a Comissão de Moradores do Bairro de Angola, que nos contou como a ordem de despejo de uma das habitações daquele bairro não se efectivou.

REVOLUÇÃO — Como é que se verificou a ordem de despejo e como é que ela não se efectivou?

COMISSÃO DE MORADORES — O inquilino não teve conhecimento oficial de que o despejo se iria efectuar, não foi avisado pelo tribunal. Teve-se conhecimento através das pessoas que conheciam o oficial de diligências, esse sr. Mourato que é comprado pelo proprietário e com quem mantém grandes contactos, e a quem resolve todos os problemas a troco de dinheiro. Acontece que esse sr. Mourato tinha o postal em seu poder e ainda teve o descaramento de dizer que não entregou porque não quis. Entretanto o proprietário teve conhecimento, a GNR e a PSP também.

Acontece que a PSP e a GNR recusaram-se a fazer o despejo, recusaram-se a acompanhar o oficial de diligências a efectuar o despejo.

Nós, entretanto, fomos imediatamente à Comissão Administrativa da Câmara. De lá partimos com o presidente da CA para o Governo Civil onde tivemos uma reunião. Aí o Governador Civil entrou imediatamente em contacto com o Tribunal de Loures, suspendendo a acção de despejo.

Claro que estas atitudes devem-se ao momento político que atravessamos, às eleições, e eles não querem que estas coisas agora dêem nas vistas. Depois do dia 27, se as eleições lhes forem favoráveis, eles actuarão de imediato.

Neste momento os inquilinos na sua maioria, quer os moradores das quintas, quer os do Bairro de Angola, estão organizados para a defesa intransigente da sua habitação, e sempre que apareça uma ordem de despejo não a consentirão.

Só com a violência é que eles conseguiram concretizar alguma coisa.

REVOLUÇÃO — Relativamente ao abaixamento das rendas de casa, como é que se tem desenrolado o processo?

COMISSÃO DE MORADORES — A Comissão de Moradores do Bairro de Angola depois da tentativa de despejo que não se concretizou e do prometimento do Governo Civil em ter uma reunião no dia 20, com a comissão e os secretários, tal reunião não se concretizou derivado à greve que se verificou na Câmara de Loures. Acontece que neste momento estamos à espera que o governador civil marque nova reunião. Nessa reunião serão debatidos os problemas com os abaixamentos das rendas de casa. Temos contratos actualizados que já deram entrada na Câmara e na secção de Finanças, sendo isso agora da responsabilidade da Comissão Administrativa e terão que resolver. As rendas estão a ser pagas, ou seja, depositadas na Caixa Geral de Depósitos à ordem dos senhorios, estes só não recebem é porque não querem.

Operárias da GADOR contra o patronato

A GADOR é mais uma empresa do sector têxtil que está em grandes dificuldades, motivadas pelas vigências do patronato. As operárias discutem neste momento a possibilidade de transformar a empresa numa cooperativa, para assim tomarem conta dos destinos da fábrica. No passado dia 7 efectuou-se um plenário, no qual foi aprovado um comunicado o qual transcrevemos:

«Alguns «senhores» da nossa terra dizem que devemos defender a «liberdade» e a «democracia».

Mas será que nós trabalhadores queremos esta «liberdade» e esta «democracia» que nos come a carne e nos suga até à última gota, como exemplo flagrante as 170 operárias e trabalhadores da GADOR (empresa têxtil) que ainda têm por receber partes do subsídio de Natal de 1974 e 1975, subsídios de férias de 1975 e retroactivos dos salários de C.C.T. desde Maio de 1975, que ainda não está a ser cumprido pelo patronato e ainda por cima os miseráveis salários, nem sequer são pagos a tempo e horas, como é o caso de se ainda não ter recebido o mês de Maio e já vamos no dia «42 de Maio» ou seja 11 de Junho?

Não! A Liberdade e a Democracia que nós desejamos, é a dos explorados, pois somos nós que tudo fazemos e nada temos, enquanto os patrões nada fazem e vivem «à grande e à francesa».

MAS ATENÇÃO PATRONATO, QUE O VOSSO FIM ESTÁ PRÓXIMO!

As operárias da GADOR dão o exemplo, ao paralisarem o trabalho, na 2.ª feira (dia 6) e afirmam que só retomarão o trabalho quando receberem o mês de Maio.

Mas atenção! As operárias da GADOR estão conscientes que não é só receber os salários em atraso, pois este tipo de luta tem sido encetado quase todos os meses, há dois anos a esta parte e o problema da segurança dos recebimentos, a garantia do direito ao trabalho e o cumprimento do C.C.T., não são dados pelo patronato!

O tempo dos «engodos» e dos «atropelos» está a acabar, pois as operárias da GADOR exigiram do Conselho de Trabalhadores um estudo sobre a validade da formação de uma cooperativa para dizerem não ao patronato, patronato esse que já demonstrou incapacidade, ao indiciar a GADOR em mais de 20 mil contos, no período de 4 anos de existência, mais do que pagou de salários às operárias, nesse mesmo período.

Após uma tomada de consciência, as operárias unidas e organizadas já alcançaram uma pequena vitória ao obrigarem o patronato a assinar um compromisso perante o Ministério do Trabalho (?). Sindicatos e Conselho de Trabalhadores que no dia 14 (2.ª feira) pagará os salários e ordenados de Maio e até ao dia 18 (6.ª feira) pagará a 1.ª quinzena de Junho e compromete-se também com as operárias que recebem à quinzena, começarem a receber ao mês, com as respectivas regalias, pois assim não cria divisões entre os trabalhadores da fábrica.

A luta das operárias da GADOR não ficará por aqui!

Avançaremos sem medo e eliminaremos todas as injustiças que se praticam na GADOR de uma vez para sempre, embora iremos ter dificuldades e estamos conscientes que a vitória é difícil mas é nossa!»

A luta dos pelo Contra

Está a ser elaborado no Ministério do Trabalho o Contrato Colectivo de Trabalho dos Cerâmicos. Segundo o respectivo sindicato, é possível que o Contrato esteja pronto para ser assinado dentro de poucas semanas.

Sobre o assunto falámos, no passado dia 26, com um delegado sindical da Cerâmica de Carnide.

A luta declarada dos Cerâmicos começou no dia 29 de Abril, com uma greve de zelo. Na segunda semana de Maio os trabalhadores começaram a utilizar a greve progressiva, chegando nos últimos dias a paralisar o trabalho durante quatro horas.

TRABALHADOR — Nós queríamos um C.C.T. vertical, tanto para os trabalhadores do barro branco como para os do barro vermelho, enquanto que os patrões queriam negociar dois contratos, um para o barro branco e outro para o vermelho. É melhor em conjunto porque assim estamos todos unidos, e quando sair um aumento de salários, sai para todos.

No fim da segunda semana de

HOSPITAL DE SANTA CRUZ

A recuperação de uma justa luta

A luta dos trabalhadores da ex-Clinica de Santa Cruz, insere-se na luta de todos os explorados por hospitais e clínicas ao seu serviço, pelo fim da exploração desenfreada médico/doente, enfim por uma saúde ao serviço do povo.

Há dois anos, os trabalhadores, de Santa Cruz, exigiram o fim da sub-exploração a que os patrões (alta burguesia médica) os submetiam e o aproveitamento das instalações (das melhores da península Ibérica) pela população da zona.

Da luta travada, e da correlação de forças então existente, os trabalhadores conseguiram uma primeira vitória, a expulsão do patronato. Mas o fim a que se propunham, transformar a Clínica de luxo num hospital ao serviço dos habitantes daquela zona — Linda-a-Velha, Carnaxide, Queijas, Ourela e diversos bairros de lata e bairros pobres — foi boicotado com a intervenção estatal (na altura falsamente apelidada de nacionalização) que lhes assegurou os vencimentos, e se afirmou como único responsável pela entrada em laboração do Hospital, permitindo assim os trabalhadores da sua decisão inicial de serem eles os responsáveis pelos seus actos e de os conduzirem até ao fim; O que aconteceu na prática, é que para além da intervenção (a nível financeiro — pagamento de salários e manutenção das instalações) o Estado nada mais fez até agora, permitindo assim que o hospital ainda hoje não se encontre a funcionar!

Das soluções propostas pelo Poder, nenhuma tem sido de forma a aproveitar as instalações e o material, conforme era propósito dos trabalhadores;

só a título de exemplo, note-se que existe no hospital de Santa Cruz, material empacotado sem qualquer tipo de utilização, material que em muitos casos são peças únicas ou de que existem somente dois exemplares em todo o país!

OS PATRÕES ESPREITAM

Os ex-patrões, ainda hoje sonham com o regresso às instalações, mas essa é uma hipótese profundamente rejeitada pelos trabalhadores que se ocuparam e guardaram em ligação directa com o Regimento de Engenharia 1 da Pontinha, quando este dependia directamente das ordens do COPCON. Claro que ainda existem os que gostariam de voltar a ver lá os «senhores Doutores» mas esses, pessoal administrativo juntamente com a maior parte das enfermeiras diplomadas, o que são 30 ou 50 pessoas em 300 trabalhadores?

Neste momento, os trabalhadores sentem-se encurralados e perfeitamente desmobilizados para avançar na luta. Andou-se uma série de meses a lutar para que o hospital de Santa Cruz não fosse aproveitado (como queria o S. de Estado da Saúde ex-PPD) para Maternidade. Era um crime. As instalações de Ortopedia, Cardiologia, Bloco Operatório, etc. são do melhor que há neste país e seriam inutilizadas por um senhor ter uma birra e insistir que de momento as instalações deveriam substituir as da Maternidade Magalhães Coutinho que efectivamente se encontram num estado lastimoso; de qualquer maneira quando o pessoal (principalmente médico e para-médico) da mesma maternidade se recusou a ir para Santa Cruz, ele acede e já as instalações que não serviam

onde a porcaria é imensa e tudo poderá ter desculpa — até os crimes — devido a não haver condições de trabalho, servem às mil maravilhas... São coisas dos detentores do Poder deste País. Eles foram sempre boicotando a entrada em funcionamento do Hospital com mira nas vitórias eleitorais e nos previstos (por eles) volte-faces político-militares. Mas uma coisa é certa; ainda hoje não se sentem com força suficiente para de uma vez para sempre, dizerem aquilo que realmente pensam fazer em SANTA CRUZ. Neste momento está em fase, supõe-se que adiantada, o estudo da entrada em funcionamento do Hospital especializado autónomo; continuam as promessas...

A desmobilização dos trabalhadores, inerente a um processo que se arrasta há dois anos, de que não se vê solução rápida, é flagrante. A inactividade laboral de dois anos ricos em experiências de luta, de desenvolvimento de solidariedade de classe, correm o risco de degenerar em querelas pessoais que nada têm a ver com a luta dos explorados. A boa-vontade do administrador (estatal) escolhido pelos trabalhadores e da sua confiança, não é suficiente para que a situação de desmobilização e de impasse seja ultrapassada e uma prova cabal desse facto é a já pouca importância dada pelos trabalhadores à Comissão que ultimamente elegeram. Devido à falta de qualquer factor que mobilize os interesses dos 300 trabalhadores existentes no Hospital, o clima que se vive neste momento é o de desinteresse completo por tudo, inclusive, pelos seus órgãos representativos, e a vontade de começar urgentemente a trabalhar, para acabar de vez

o ambiente de tensão de pequenos problemas que facilmente são avolumados. Todo este clima interessa muitíssimo à direita, e neste caso especialmente aos ex-patrões, que estão sómente à espera do desespero completo por parte dos trabalhadores para actuarem em força, e facilmente ganharem aquilo que não conseguiram ao longo de dois anos.

AS CONCLUSÕES DE UMA LUTA

É esta a realidade de uma das poucas lutas que eclodiram no campo da saúde.

Os erros, porque os há, não são deste ou daquele elemento; não são fruto da fraca politização existente; não têm nada a ver com a unidade (neste momento ameaçada) dos trabalhadores. Têm sim, a ver com a tática da classe dominante de aproveitamento da chamada «ordem democrática» para ir protelando a resolução dos problemas reais dos trabalhadores (funcionamento imediato do Hospital) originando a descrença destes nas suas potencialidades e consequente abandono da luta.

A todo este processo de sucessivo envolvimento feito pelos vários governos, a toda esta tentativa (que apesar de quase bem sucedida ainda vai a tempo de ser eliminada) tentativa feita pelos ex-patrões de maneira a ganhar terreno à organização de classe das massas trabalhadoras, os próprios trabalhadores só poderão responder ultrapassando todas as barreiras que lhes põem pelo caminho, servindo isso para consolidar a sua unidade e para conseguirem efectivamente tomar nas suas mãos as decisões que só a eles dizem respeito, como seja a nível dos seus locais de trabalho, ou na maneira mais correcta de pôr o seu trabalho directamente ao serviço de outros trabalhadores, sem burocracias pelo meio, resolvendo eles directamente os problemas que só a eles dizem respeito.

cerâmicos
to Colectivo de Trabalho

Maior a greve foi levantada pelo sindicato, e os cerâmicos começaram a trabalhar normalmente.

Entretanto, na Cerâmica de Carnide houve um aumento de vendas da ordem dos 50 por cento, e o patrão, pelo menos aparentemente generoso, prometeu aos trabalhadores subir-lhes o salário actual em 23 por cento.

Nós estávamos com 5600\$00 e passamos agora para 7500\$00.

REVOLUÇÃO — E o que acontecerá se o aumento do C.C.T. for superior aos 23 por cento?

TRABALHADOR — Nesse caso o nosso patrão terá de nos dar o que ficar estabelecido no Contrato. Se o sindicato não conseguir os 23 por cento (o que é pouco provável), nós esperamos receber o que ficou prometido pelo nosso patrão.

REVOLUÇÃO — E o que tem feito o sindicato quanto ao C.C.T.?

TRABALHADOR — Fui ao sindicato no passado dia 24, e informaram-me que a coisa estava a andar. Disse-

ram-me também que dentro de poucas semanas tínhamos o Contrato pronto.

REVOLUÇÃO — Poderá haver alguma resistência da parte patronal na assinatura do Contrato?

TRABALHADOR — Ai é que pode haver problemas. Mas se for necessário entraremos novamente em greve.

REVOLUÇÃO — O C.C.T. só se refere a aumentos de salários?

TRABALHADOR — Não são só os aumentos. No nosso Contrato também queremos subsídio em caso de doença, reforma aos 60 anos mas com dinheiro que chegue para comer, subsídio de férias e de Natal; quer dizer, certas regalias que nos pertencem e que já foram conquistadas por outros trabalhadores do País.

Resta portanto saber como reagirá o patronato face ao C.C.T. só a partir daqui se poderá decidir sobre as novas formas de luta a utilizar para que o Contrato Colectivo de Trabalho dos Cerâmicos siga em frente.

AOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA HOTELEIRA

Camaradas:

Julgamos, nós trabalhadores da indústria, que não é preciso dizer o que se passa nos nossos sindicatos, mas nunca é de mais lembrar de que neste momento as forças «pluralistas» (P.S. e P.P.D.) tentam a todo o custo tomar posições nos nossos sindicatos, a fim de que consigam governar sem quaisquer problemas e nos possam controlar a favor das entidades patronais. Julgamos, nós, de que neste momento as forças que irão governar (?) já tomaram de ASSALTO a Federação e preparam-se para TOMAR o sindicato de Lisboa.

E senão vejamos:

Afinal onde estão os resultados do I Congresso dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira?

Afinal onde está a luta pela revisão do novo C.C.T.?

Que é esse comunicado que saiu, onde se diz que em cada empresa se devem tomar as medidas adequadas? Afinal para que servem os sindicatos e os delegados sindicais?

Atenção camaradas, os nossos sindicatos estão a ser invadidos por OPORTUNISTAS que à pressa se filiaram no P.S., após o 25 de Novembro, e nos querem manipular à sua maneira. Temos que dizer NÃO às manipulações partidárias nos sindicatos. Temos de dizer NÃO às decisões feitas nas nossas costas.

ABAIXO O MARCELO E O TOMÁS!

ABAIXO O CAPITALISMO

UNIDOS VENCEREMOS

VIVAM OS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA HOTELEIRA!

Um grupo de trabalhadores do distrito de Aveiro da Indústria Hoteleira

internacional

O PODER POPULAR EM ANGOLA (conclusão)

Concluímos hoje a publicação da lei sobre o Poder Popular em Angola. Convém, a propósito, salientar que no passado domingo efectuou-se, na República Popular de Angola, a eleição de parte dos organismos de Poder Popular.

Enquanto isto, o Tribunal Revolucionário condenou à pena de morte quatro dos mercenários presos.

Em Angola não se contemporiza com os fascistas.

Secção I — Da Comissão Municipal Art. 21.º (Definição)

A Comissão Municipal é o órgão superior de poder popular no respectivo concelho.

Art. 22.º (Composição e eleição).

1. A Comissão Municipal é constituída por quinze membros eleitos por votação pública, pelas Comissões Comunitárias do respectivo concelho em reunião plenária devidamente convocada para o efeito.

2. Além dos quinze membros efectivos da Comissão Municipal serão eleitos dez suplentes.

ART. 23.º (ATRIBUIÇÕES E COMPETÊNCIA)

1. A Comissão Municipal assegura a democratização das estruturas políticas e económicas do concelho e a transformação deste numa base de resistência popular.

2. Cabe em especial à Comissão Municipal:

a) Participar na elaboração e controlar a execução do plano e do orçamento provinciais, a fim de garantir que o concelho contribua, para a construção de uma economia de resistência;

b) Deliberar sobre os assuntos de exclusivo interesse para o concelho, nomeadamente sobre a organização da produção, a distribuição de produtos, a criação de reservas estratégicas de bens essenciais a criação de equipamentos sociais, os transportes municipais, a política de habitação e a repartição racional dos meios materiais e técnicos, com o objectivo de desenvolver a agricultura, a pequena indústria local, o artesanato e de melhorar progressivamente as condições de vida da população;

c) Vigiar e controlar a acção das empresas, serviços e outros organismos públicos cuja direcção e gestão lhes seja atribuída nos termos do n.º do artigo 55.º, a fim de assegurar a execução das deliberações dos órgãos de poder popular do respectivo concelho e a aplicação do Plano Nacional;

d) Sob a orientação das estruturas competentes das FAPLA organizar as formas de participação popular na vigilância e defesa do respectivo concelho;

e) Coordenar a actuação dos órgãos de poder popular no combate ao analfabetismo, à doença e para a eliminação dos males nacionais;

f) Discutir e aprovar as formas de apoio às populações atingidas pela guerra;

g) Resolver os conflitos que possam surgir entre as várias Comissões Comunitárias do respectivo concelho, bem como os conflitos entre cada Comissão Comunitária e a Comissão da respectiva Comuna; h) Fiscalizar a actuação e métodos de trabalho dos fun-

cionários públicos, bem como discutir as propostas de substituição dos mesmos apresentadas pelas Comissões Comunitárias, propondo ao Comissário Municipal se o considerarem conveniente, a sua transferência ou apuramento da sua responsabilidade disciplinar;

i) Dar os pareceres que lhe sejam solicitados pelo Comissário Municipal e pela Comissão Provincial;

j) Convocar mensalmente e sempre que necessário a reunião plenária das Comissões Comunitárias;

k) Organizar anualmente o processo eleitoral para as Comissões Comunitárias e dar posse aos membros eleitos.

ART. 24.º (NOMEAÇÃO)

O Comissário Municipal é nomeado pelo Ministro da Administração Interna sob proposta da respectiva comissão directiva do MPLA e depende hierarquicamente do Comissário Provincial

ART. 25.º (COMPETÊNCIA)

1. O Comissário Municipal executa no respectivo concelho a linha política definida pelo MPLA e as directrizes dimanadas da Assembleia do Povo e do Governo.

2. Cabe ao Comissário Municipal:

a) Dirigir os serviços administrativos do concelho bem como as empresas, serviços e outros organismos públicos cuja gestão venha a ser transferida para os órgãos de administração local;

b) Assegurar o cumprimento das leis e a protecção dos cidadãos;

c) Dinamizar a ligação entre a administração pública e as várias instituições do respectivo concelho, nomeadamente as forças armadas e as organizações económicas, sociais e culturais;

d) Submeter à apreciação da Comissão Municipal todos os projectos governamentais referidos na alínea b) do n.º 2, do artigo 23.º;

e) Presidir às reuniões da Comissão Municipal e assegurar a execução das suas deliberações;

f) Prestar contas da sua actividade à Comissão Municipal e informá-la sobre a actividade do Comissário Provincial e do Governo;

g) Elaborar os projectos de reestruturação da administração pública no respectivo concelho, submetê-los à aprovação da Comissão Municipal e participar na elaboração em conjunto com o Comissário Provincial do projecto provincial;

h) Convocar mensalmente e sempre que necessário a reunião plenária dos Comissários das Comunas.

ART. 26.º (ADJUNTO DO COMISSÁRIO)

1. O Comissário Municipal poderá ser assessorado por um adjunto que



exercerá as funções que por ele lhe forem delegadas e o substituirão nas suas faltas e impedimentos.

2. O adjunto do Comissário Municipal é nomeado pelo Ministro da Administração Interna, sob proposta da respectiva Comissão Directiva do MPLA.

ART. 27.º (RESOLUÇÃO DE CONFLITOS)

É da competência da Comissão Provincial a resolução dos conflitos que possam surgir entre a Comissão Municipal e o Comissário Municipal.

SECÇÃO I — DA COMISSÃO PROVINCIAL

ART. 28.º (DEFINIÇÃO)

A Comissão Provincial é órgão superior de poder popular na respectiva Província.

ART. 29.º (COMPOSIÇÃO E ELEIÇÃO)

1. A Comissão Provincial é constituída por vinte membros eleitos, por votação pública, pelas Comissões Municipais da respectiva província em reunião plenária devidamente convocada para o efeito.

2. Além dos vinte membros efectivos da comissão provincial serão eleitos dez suplentes.

ART. 30.º (ATRIBUIÇÕES E COMPETÊNCIA)

1. A comissão provincial assegura o processo de transformação das estruturas de poder colonial e tradicional, através da coordenação da acção dos órgãos de poder popular da província.

2. Cabe à comissão provincial pronunciar-se sobre todos os assuntos de exclusivo interesse da província, designadamente os relativos à organização da produção e distribuição dos transportes e de um modo geral, à organização da resistência e à construção da base material e técnica de uma economia planificada.

3. Cabe em especial à comissão provincial:

a) Discutir e propor o plano e os traçamentos provinciais que são parte integrante do Plano Nacional e do orçamento geral do Estado, respectivamente;

b) Discutir e propor as formas de apoio logístico da província às FAPLA; c) Discutir e propor as formas de participação popular na vigilância e defesa da respectiva província, sob a orientação das estruturas competentes das FAPLA;

d) Vigiar o cumprimento das medidas tomadas pelo Governo no que respeita ao apoio às populações atingidas pela guerra;

e) Estabelecer as medidas concretas de combate para a eliminação de males sociais de acordo com as directrizes definidas pelo órgão de escalão superior;

f) Estabelecer as medidas concretas de combate ao analfabetismo e à doença de acordo com as directrizes definidas pelo órgão de escalão superior;

g) Resolver os conflitos que possam surgir entre as várias comissões municipais da respectiva província bem como os conflitos entre cada comissão municipal e o comissário municipal do respectivo concelho;

h) Vigiar a acção das empresas, serviços e outros organismos públicos cuja direcção e gestão lhes seja atribuída nos termos do n.º 2 do artigo 55.º por forma a garantir a execução das deliberações dos órgãos de poder popular na respectiva província e a aplicação do Plano Nacional;

i) Vigiar a acção dos meios de comunicação social, bem como da actividade editorial, por forma a garantir a difusão de uma informação que sirva os interesses das massas operárias e camponesas e que contribua para a elevação da sua consciência política de acordo com as directrizes dimanadas do Comité Central do MPLA e da Assembleia do Povo;

j) Fiscalizar a actividade do comissário provincial e propor à assembleia do povo a sua substituição quando a sua prática for comprovadamente antipopular;

k) Dar os pareceres que lhe sejam

COLUNA INTERNACIONAL



solicitados pelo comissário provincial bem como, directamente, pela assembleia do povo ou pelo Governo;

- l) Elaborar o seu regimento e nomear os membros dos seus gabinetes de apoio;
- m) Convocar trimestralmente e sempre que necessário a reunião plenária das comissões municipais da respectiva província;
- n) Organizar anualmente o processo eleitoral para as comissões municipais e dar posse aos membros eleitos.

1. A função legislativa a que se refere o art. 40.º da Lei Constitucional será exercido pela Comissão Provincial por Decreto Provincial.
2. Os Decretos Provinciais não poderão contrariar qualquer preceito contido na Lei e consideram-se ratificados se, nos quinze dias posteriores à sua publicação, não forem impugnados pela Assembleia do Povo.
3. O Governo poderá nos termos do número anterior, impugnar os De-

cretos Provinciais que respeitem a matérias nele delegadas de acordo com o art. 42.º da Lei Constitucional.

ART. 32.º (ATRIBUIÇÕES E RELAÇÕES FUNCIONAIS)

1. O Comissário Provincial executa na respectiva província, a linha política definida pelo Comité Central do MPLA e as directrizes dimanadas da Assembleia do Povo e do Governo, por forma a efectivar a descentralização política e económica prevista no art. 47.º da Lei Constitucional.
2. O Comissário Provincial estabelece a ligação entre os órgãos de poder popular provinciais e o Conselho da Revolução e o Governo, devendo na sua actuação respeitar a dupla direcção dos órgãos centrais e dos órgãos locais.

ART. 33.º (NOMEAÇÃO E DEPENDÊNCIA)

O Comissário Provincial é nomeado

nos termos da alínea e) do art. 38.º da Lei Constitucional e depende hierarquicamente do Ministro da Administração Interna.

ART. 34.º (COMPETÊNCIA)

1. Cabe ao Comissário Provincial dirigir a acção das empresas, serviços e outros organismos públicos da sua jurisdição com vista a transformar cada província numa base de resistência popular.
2. Cabe em especial ao Comissário provincial:
 - a) Presidir às reuniões da Comissão Provincial e assegurar a execução das suas deliberações;
 - b) Coordenar as ligações entre os serviços centrais e os seus órgãos regionais e locais;
 - c) Dinamizar a ligação entre a administração pública e as várias instituições da respectiva província, nomeadamente as forças armadas e as organizações económicas, sociais e culturais;
 - d) Assegurar o cumprimento das leis e a protecção dos cidadãos nacionais e estrangeiros;
 - e) Elaborar com os Comissários Municipais, os projectos de reestruturação da administração pública na respectiva província submetê-los à aprovação da Comissão Provincial e, posteriormente do Governo;
 - f) Sumbeter à aprovação da Comissão Provincial todos os projectos governamentais relativos às matérias referidas no n.º 2, do art. 30.º;
 - g) Prestar contas da sua actividade à Comissão Provincial e informá-lo sobre a actividade do Governo e do Conselho da Revolução;
 - h) Convocar mensalmente e sempre que necessário a reunião plenária dos Comissários Municipais;

ART. 35.º (RESOLUÇÃO DE CONFLITOS)

É da competência da Assembleia do Povo a resolução dos conflitos que possam surgir entre a Comissão Provincial e o Comissário Provincial e que não possam ser resolvidos com base no princípio da crítica e autocrítica.

ART. 36.º (AJUNTO DO COMISSÁRIO)

1. O Comissário Provincial poderá ser assessorado por um adjunto que exercerá as funções que por ele lhe forem delegadas e substituirá nas suas faltas e impedimentos.
2. O Adjunto do Comissário Provincial é nomeado pelo Conselho da Revolução sob indicação do Buerau Político do MPLA.

A Revolta Popular contra o regime racista da África do Sul ocasionou fortes confrontos em diversas cidades, na passada semana. Soweto onde começaram, inicialmente, os confrontos um grupo de professores declarou que a calma não regressaria a não ser quando fosse suspenso o ensino obrigatório do «Afrikaans» nas escolas. Os confrontos que coincidiram com a visita do primeiro-ministro John Vorster na Alemanha Federal para conversações com Kissinger levaram aos massacres de 176 negros, 1139 feridos e aproximadamente dois milhares de presos.

A Junta Militar que ocupou o Poder em Março passado voltou a impôr a pena de morte por fuzilamento na Argentina. Com esta medida a Junta Militar através das suas forças militares e paramilitares que combate, sem tréguas, o regime ditatorial repressivo e o sistema capitalista pró-imperialista argentino. Os guerrilheiros do ERP e Montoneros desenvolveram várias acções militares contra executivos das empresas multinacionais que operam na Argentina e contra funcionários da ditadura militar. Porém estas acções não se desenvolvem isoladas do movimento popular de resistência à ditadura como querem fazer crer os militares reaccionários ao decretar esta medida de «segurança» e «intimidação». Na Argentina os movimentos ultradireitistas desenvolvem impune e descaradamente actividades repressivas, assassínatas e torturas, sobre o movimento popular e revolucionário sem qualquer «pena de morte» para tais actos. Isso mostra que como vem sendo denunciado, os próprios militares e policiais é que são os integrantes destas organizações direitistas.

A Frente Polisário atacou no passado fim-de-semana a cidade de El Yaune, capital do Sahara ocidental. Os guerrilheiros saharianos conseguiram destruir dois aviões de combate e três camiões militares marroquinos.

Várias bombas foram deflagradas na cidade de Cochabamba, na Bolívia em sinal de solidariedade com a luta que os mineiros desenvolveram contra o regime de Banzer. Uma das bombas afectou a central de energia eléctrica de Cochabamba deixando a cidade sem energia durante 24 horas. Entretanto, o regime de Banzer expulsou do país o filho do ministro dos Transportes que se dirigiu ao Peru; e mais 25 pessoas deportadas para o Chile, para a ditadura mais repressiva da América Latina, onde os campos de concentração saltam aos olhos da opinião pública internacional.

Aplicando as «resoluções da oitava secção do CC da Frelimo, entre as quais a necessidade do partido controlar mais eficazmente certas estruturas que condicionamos históricos nos forçaram a utilizar» foram afastados do Corpo de Polícia de Mocimboque e conduzidos para os campos de reeducação catorze indivíduos, dado o seu comportamento, contrário ao espírito revolucionário.

Os trabalhadores desafiaram o Governo de Edward Gierak, secretário-geral do PC da Polónia, quando ameaçaram desencadear uma greve geral, depois de várias manifestações contra os aumentos de preços previstos, segundo planos do Governo, que vão até 100 por cento. Os operários em greve por quase todo o país desenvolveram manifestações contra esta medida, assim justificada pelo primeiro-ministro: «Tenho a certeza de que toda a comunidade e, acima de tudo, a classe trabalhadora receberão esta decisão como outra confirmação dos princípios democráticos pelos quais se guiam o partido e o Governo na sua política social». A classe operária polonesa, «recebeu» a «decisão» do Governo, mas de outra forma; destruindo as vias férreas nos arredores de Varsóvia e erguendo barricadas nestas mesmas vias. Entretanto, esta acção popular na Polónia, parece vir a acentuar a necessidade de uma revisão na política económica do Governo, e sobretudo verificar que a integração económica dos países socialistas que gradualmente se vai dando com os países capitalistas da Europa de Leste. A crise capitalista mundial, enfim, reflecte-se na causa polonesa, também para os trabalhadores dos países do bloco revisionista, que estão a pagar a crise económica gerada pelo orientação capitalista e burocrática.



Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuição: DIG — Rua das Chagas, 2 — Lisboa

AVENÇA

EDITORIAL

Importante vitória no campo Operário e Popular

1 — SIGNIFICADO E PAPEL DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

Não sendo o terreno eleitoral burguês um local privilegiado de luta do proletariado e das forças revolucionárias e progressistas, as eleições presidenciais assumiram, no contexto em que se realizavam, um papel de extraordinária importância política. Numa fase em que o movimento operário e popular recuperava lentamente da desorientação e desorganização provocados pelo golpe de direita de 25 de Novembro a unidade e a mobilização conseguidas em torno da candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho constituíram um enorme passo em frente no sentido da resolução positiva para a crise. Estas eleições apresentaram uma grande vitória para o campo operário e popular e importante derrota para as posições de direita e reformistas.

A direita saiu derrotada nas suas ambições de eleição esmagadora de um candidato único e incontestável. O seu candidato, ganhando as eleições, obteve menos de 50 por cento dos eleitores inscritos. Muitos foram os eleitores inscritos. Muitos foram os eleitores dos sectores conservadores e reaccionários que se absteram. Por outro lado, o PS e o PC perderam centenas de milhares de votos a favor de um projecto socialista de base e de autêntica independência nacional, a favor da única alternativa revolucionária no momento actual. Secções do PS e milhares dos seus militantes aderiram activamente à campanha de Otelo. O PC, que nos bastidores recorreu às maiores manobras de sempre, lançou, através dos canais partidários e dos meios de informação por eles controlados, uma vil campanha de boatos, calú-

lúnias e graves deturpações. Apesar de tudo milhares e milhares de militantes e simpatizantes do PC apoiaram e votaram Otelo, e a política conciliadora desse partido com a burguesia, política cada vez mais sectária e traiidora, acabou por sofrer uma pesada derrota, não conseguindo sequer metade dos votos que obtivera nas eleições anteriores. Contra as profecias de alguns «sábios» e escribas burgueses e reformistas, que na habitual lenga-lenga falavam em votações previsíveis de 3 a 5 por cento para Otelo, somando (ingenuamente?) os votos obtidos anteriormente por algumas das organizações políticas que o apoiavam, os resultados aí estão para mostrar como os interesses de classe e ódio cego que essa gente vota ao PODER dos TRABALHADORES não os deixam compreender a realidade que os cerca. Desgraçados «sábios» e escribas, estes! Apesar dos seus graves erros de cálculo estes laiaios da burguesia continuam diariamente a destilar o seu ódio de classe nos pasquins reaccionários ou reformistas onde se acotam.

Mas de onde vieram as muitas centenas de milhares de homens e mulheres que de Norte a Sul do País apoiaram Otelo e o seu programa, nas manifestações à escala nacional e no voto expresso a 27 de Junho? Vieram das fábricas, dos campos, dos quartéis e das escolas. Muitos vieram das bases do PS e do PC muitos da esquerda revolucionária muitos eram daqueles que, pela abstenção ou voto nulo haviam marcado uma firme posição da classe nas eleições legislativas. Eles são operários, camponeses e moradores pobres, empregados, soldados e estudantes. Eles são os sectores mais conscientes e combativos do prole-

tariado urbano e rural (de Setúbal, das zonas industriais de Lisboa, Covilhã, Marinha Grande e Porto). Eles são, também dos extratos mais explorados do povo trabalhador.

2 — SITUAÇÃO ACTUAL E TAREFAS

O novo poder recomposto (Presidência da República, Conselho da Revolução e Governo) vão tentar governar numa fase particularmente aguda da crise. Os bens de primeira necessidade faltam, os preços sobem, as importações e os empréstimos são cada vez mais difíceis. O ouro diminuiu rapidamente e as dependências face ao imperialismo são cada vez maiores. E como resolver os graves problemas das indústrias que encerram, dos camponeses pobres e dos desempregados? Nenhum projecto social-democrata resolverá a crise. O proletariado e o campesinato pobre vão ser ainda mais atingidos mas largos sectores da pequena burguesia também o vão ser (estão a ser). E, então, onde irá parar a base social de apoio desse Poder e do PS.

Este perderá (está perdendo) a favor de posições situadas mais à direita e a favor da esquerda revolucionária. Rapidamente a possibilidade de governação do PS se esgotará. E depois? O fascismo ou a Revolução Socialista?

É neste contexto que temos de pensar nas tare-

fas centrais dos revolucionários, há alguns que são uma constante. Mas, nas condições concretas actuais, que fazer das enormes possibilidades criadas pela movimentação em torno da campanha e do programa de Otelo?

O PRP está com os GDUPs com a sua estrutura democrática e com a realização de um Congresso destes grupos dinamizadores. É preciso criar novos GDUPs por toda a parte, desenvolver os existentes, alargá-los às massas, chamar para eles todos aqueles que, sendo independentes, sendo do PS ou do PCP, estão de acordo com o programa destes grupos dinamizadores. É preciso ultrapassar práticas sectárias e não travar a dinâmica criadora das massas. É preciso ligar estes grupos dinamizadores às necessidades e às lutas diárias e concretas do povo trabalhador. É preciso que os GDUPs coloquem como tarefa central a dinamização dos órgãos do Poder Popular que alguns tentarão travar e controlar através de estruturas burocráticas. É preciso que o Movimento a criar com as suas várias componentes mantenha uma direcção política correcta, condição indispensável para que não venha a cair em práticas reformistas e a que cumpra o importante papel de vanguarda que lhe cabe.

DIRECÇÃO DO PRP

... Será difícil para o Poder português explicar à Europa capitalista e aos Estados Unidos da América como é que um candidato revolucionário obteve 16 por cento. Não há memória nestes países de tal se ter dado e isso significará para os analistas políticos burgueses que o Poder não está sólido em Portugal.

Na verdade, um candidato eleito por menos de metade dos eleitores (e não dos votantes) e com uma forte desproporção entre o Sul e o Norte, um candidato que não é eleito por toda a zona do proletariado rural, esse candidato Eanes, sabe que os exercícios do Poder vai ser difícil. Porque se ele é o presidente de Bragança, não é de Setúbal, se obtém grande votação em Ponta Delgada, obtém apenas 35 por cento em Beja. E neste País quem produz é Setúbal e Beja, sobre quem ele que exercer o Poder é sobre Setúbal, Beja, Évora, Amadora, Cacém, Cabo Ruivo e mesmo sobre zonas libertadas do Ribatejo, como Alcoentre e Azambuja, onde ele não é presidente, porque aí perdeu e ninguém o vencerá os trabalhadores a considerá-lo como tal, por mais que os senhores Soares e Sá Carneiro o apontem e incensem, e por mais que a TV lhe conte a história.

Mas se o resultado foi grande para eleições burguesas, o movimento de massas a que a sua candidatura deu origem ultrapassou em muito o simples quadro das eleições burguesas. Movimento de massas de norte a sul do País, que expressou a posição activa daqueles que estão dispostos a dizer sim à revolução, dos que estão dispostos a sacudir a canga. Dos que já perceberam que não é possível continuar na ambiguidade e que é necessário romper.

Mas neste momento é necessário que esse movimento de massas encontre uma organização que transforme o desejo em acção, que transforme o entusiasmo em programa. Essa organização são os GDUPs que têm que ser coordenados e alargados. E também a direcção de um grupúsculo chamado PC terá que explicar como é que o candidato apoiado por aqueles a quem ela chama «partidocos» teve este resultado, esta movimentação. Mas claro que esta direcção não aprende, insiste nos erros, continua nas calúnias, faz fretes ao actual Poder.

Do presidente que «ganhou perdendo» (como diria uma revista que o apoiava) há a esperar que num primeiro tempo procure as vias constitucionais, legalistas, para reprimir, para acabar com os «poderes paralelos» (o poder dos trabalhadores). Mas num segundo tempo este poder necessitará de fazer um novo golpe militar, para instituir um poder de ferro e fogo. Porque nem os trabalhadores param nem a situação económica permite conciliações. A ver vamos quem ganha no futuro.

